



The Bard News®



Fundador - J.B Wolf

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Nora Roberts **Pag A2**

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 7, MARÇO 08, 2026



Grandes Clássicos:

Por que os grandes clássicos nunca saem de moda?

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Para muitos, os clássicos remetem a momentos importantes da vida, à infância, à juventude ou a descobertas pessoais. Quem não gosta de recordar o prazer sensorial-mental de suas preferências literárias? Os Clássicos produzem uma boa imagem, um momento marcado de pontos emotivos, intelectuais capazes de despertar grandes recordações de um panorama vivido, evocando nostalgia e momentos significativos da vida, ao resistirem ao teste do tempo.

Leia Mais **Pag A11**

Redes Sociais e a Busca Pelo Status Efêmero



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

No ensaio “Redes Sociais e a Busca Pelo Status Efêmero”, Jeane Tertuliano dissecar a lógica da exibição permanente na era das redes sociais. A partir de autores como Byung Chul Han, Sherry Turkle e Zygmunt Bauman, o texto mostra como o “eu” virou vitrine, o cotidiano virou espetáculo e o status digital se tornou uma moeda de aprovação tão intensa quanto fugaz.

Leia Mais **Pag A19**

Os ganhadores

do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



1905
Henryk Sienkiewicz
(Polónia)



1906
Giosuè Carducci
(Itália)



Leia Mais **Pag A8 e A9**

Brasil À Mesa:

Como A Culinária Preserva Nossa Identidade

Por Beth Baltar
COLUNISTA

No ensaio “Brasil à Mesa”, Beth Baltar mostra como a gastronomia vai muito além do ato de cozinhar: é ciência, arte, expressão cultural e preservação de identidade. O texto traça um panorama histórico da alimentação, desde o paleolítico até a diversidade contemporânea brasileira, destacando como pratos típicos de cada região refletem a mistura de povos, tradições e paisagens do país.

Leia Mais **Page A12**

CULTURA



Da cultura material à digital

Por Renata Munhoz
COLUNISTA

No artigo “Da Cultura Material à Digital”, Renata Munhoz investiga como a virtualização redefiniu nossa relação com a memória, o conhecimento e as conexões humanas.

Leia Mais **Pag A13**



LITERATURA



Lendas Arthurianas

E a relação religiosa da Bretanha

Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

O texto de Mariana Pacheco explora como as lendas do Rei Arthur, para além das espadas, cavaleiros e castelos, funcionam como um espelho das disputas religiosas da Bretanha ao longo dos séculos.

Leia Mais **Pag A7**

FILOSOFIA



O Papel da Filosofia

Na Preservação da Democracia Ocidental

Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Clayto Zocarato argumenta que a crise atual da democracia ocidental não é tecnológica, mas filosófica: desaprendemos a pensar criticamente sobre poder, sentido e responsabilidade coletiva.

Leia Mais **Pag A15**

EDUCAÇÃO



Quando É Preciso Falar Sobre O Óbvio

Num mundo que opera cirurgias à distância, ainda há crianças que não conseguem chegar à escola.

Por Sandra Santiago
COLUNISTA

No texto de Sandra Santiago defende que ainda é necessário “falar sobre o óbvio”: educação como direito de todos. A partir de dados recentes da UNESCO, Unicef e Undime, ela mostra que, mesmo em 2026, milhões de crianças e jovens estão fora da escola no mundo e no Brasil.

Leia Mais **Pag A18**

LITERATURA



Linhas Cruzadas:

Cenas da Angústia Contemporânea

Por Aline A. Santana
COLUNISTA

Na coluna “LINHAS CRUZADAS”, Aline Abreu Santana acompanha um dia na vida de Lucas, jovem universitário que carrega, no corpo e na mente, uma sensação difusa de esgotamento e futuro bloqueado. Entre ônibus lotado, feed infinito, notícias catastróficas e comparações silenciosas com vidas “perfeitas” exibidas nas redes, o texto constrói um retrato íntimo da chamado “futurofobia”: o medo de projetar o amanhã em um mundo em crise constante.

Leia Mais **Pag A3**

FILOSOFIA

O materialismo é suficiente para explicar toda a realidade?

Magna Aspásia questiona os limites do materialismo através da figura de Dom Quixote.

Pag A15

COMPORTAMENTO

Como As Famílias Estão Tentando Se Comunicar Com Adolescentes

Claudia Faggi aborda o desafio crescente de manter o diálogo em um cenário marcado por mudanças emocionais intensas.

Pag A19

EDUCAÇÃO

Pais como Protagonistas no Processo Educacional dos Filhos

O texto mostra que a criança aprende antes mesmo de ir à escola

Pag A18

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao **SITE** e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro **"REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"**





Nora Roberts: A Arquiteta de Mundos e a Força Incontestável do Romance Moderno



LITERATURA - Leia no site



Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



Em um mercado editorial volátil e impulsionado por tendências passageiras, poucos nomes alcançam o status de instituição. Nora Roberts não é apenas um nome, mas um verdadeiro império literário, um fenômeno de vendas e uma força da natureza cuja prolificidade e consistência redefiniram as expectativas do que um único autor pode alcançar. Com mais de 500 milhões de cópias de seus livros em circulação ao redor do mundo e uma presença constante nas listas de mais vendidos do The New York Times por décadas, ela transcendeu o rótulo de "escritora de romances" para se tornar uma das contadoras de histórias mais bem-sucedidas de todos os tempos. Analisar sua carreira é mergulhar em uma aula magistral sobre disciplina, entendimento profundo do público, versatilidade narrativa e uma defesa ferrenha da legitimidade de um gênero frequentemente subestimado. Ela não apenas escreve livros; ela constrói mundos inteiros onde milhões de leitores encontram refúgio, emoção e uma conexão humana fundamental, provando que a fórmula de um bom enredo, personagens cativantes e uma exploração honesta das relações humanas é, e sempre será, universalmente poderosa.

A Gênese de uma Lenda em Meio à Neve

A história de origem de Nora Roberts é quase tão cativante quanto suas próprias ficções.

Nascida Eleanor Marie Robertson em 1950, ela não começou sua vida sonhando em ser escritora. Era uma mãe e dona de casa, vivendo de forma relativamente comum em Keedysville, Maryland. O ponto de virada veio de forma abrupta e climática. Em fevereiro de 1979, uma forte nevasca paralisou a região, deixando-a presa em casa com seus dois filhos pequenos por dias a fio. Com o tédio se instalando e sem muito o que fazer, ela pegou um lápis e um caderno e começou a escrever uma das histórias que sempre povoaram sua mente. Ali, naquele momento de isolamento forçado, nasceu uma rotina. Ela descobriu não apenas um passatempo, mas uma vocação. Com uma disciplina que se tornaria sua marca registrada, ela continuou a escrever mesmo após o fim da tempestade, produzindo vários manuscritos. Como muitos autores iniciantes, ela enfrentou uma série de rejeições, mas a persistência, outra de suas qualidades definidoras, a manteve em curso. Finalmente, em 1981, a editora Silhouette publicou seu primeiro romance, "Irish Thoroughbred" ("Sedução Irlandesa"), dando início a uma das carreiras mais espetaculares da história da publicação. Seus primeiros trabalhos estabeleceram as bases do que viria a ser o "estilo Nora Roberts": heroínas inteligentes e independentes, heróis complexos e protetores, e uma trama romântica habilmente entrelaçada com outros elementos, como mistério ou aventura, tudo ambientado em cenários vívidos e com um forte senso de comunidade.



A Arquitetura do Sucesso e a Expansão para Novos Territórios

O que exatamente torna um livro de Nora Roberts tão irresistível para tantos? A resposta está em sua arquitetura narrativa meticulosa. Ela domina a arte de criar personagens que, embora inseridos em contextos extraordinários, possuem falhas, medos e desejos profundamente humanos e relacionáveis. Suas heroínas não são donzelas em perigo esperando para serem salvas; são mulheres competentes, muitas vezes com carreiras bem-sucedidas, passados complexos

e uma força interior que as impulsiona. O romance, embora central, raramente é o único foco. Roberts foi pioneira na popularização do subgênero de suspense romântico, fundindo com maestria uma trama de perigo e mistério com o desenvolvimento de um relacionamento amoroso. Essa fórmula permite que ela explore dinâmicas de confiança, vulnerabilidade e parceria sob pressão, tornando a conexão do casal ainda mais crível e satisfatória para o leitor. Outra de suas marcas registradas é a criação de trilogias ou quartetos centrados em uma família ou um grupo de amigos. Essa abordagem permite um mergulho mais profundo nos laços comunitários e familiares, temas recorrentes em sua obra, criando mundos ficcionais ricos nos quais os leitores se sentem imersos. A cidade fictícia de Boonsboro, Maryland, por exemplo, tornou-se tão real para seus fãs que ela e seu marido a trouxeram à vida, abrindo uma livraria e uma pousada temática, a Inn BoonsBoro.



No entanto, a ambição criativa de Roberts não se conteve dentro das fronteiras de um único gênero ou nome. Em meados da década de 1990, sentindo o desejo de explorar um universo completamente diferente, ela adotou o pseudônimo J.D. Robb para escrever a série "Mortal". Ambientada na Nova York de meados do século XXI, a série é um suspense policial futurista protagonizado pela tenente Eve Dallas, uma detetive de homicídios assombrada por um passado traumático, e seu marido bilionário, Roarke. A criação de J.D. Robb foi um movimento estratégico para permitir que essa nova série fosse julgada por seus

próprios méritos, sem o peso das expectativas associadas ao nome Nora Roberts. O sucesso foi estrondoso. Os livros da série "Mortal" conquistaram uma base de fãs leal e dedicada, e Eve Dallas tornou-se uma das heroínas mais icônicas da ficção moderna. Quando a identidade de J.D. Robb foi finalmente revelada, o resultado não foi a canibalização de sua marca, mas uma solidificação de sua imagem como uma autora incrivelmente versátil e talentosa, capaz de transitar com igual maestria entre o romance contemporâneo, a fantasia e o suspense futurista.



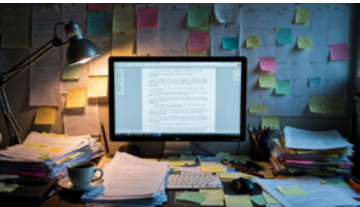
A Mulher por Trás do Império: Disciplina, Negócios e Legado

A prolífica produção de Nora Roberts, com múltiplos livros lançados a cada ano, não é resultado de um dom mágico, mas de uma ética de trabalho implacável. Ela trata a escrita como uma profissão em tempo integral, dedicando cerca de oito horas por dia ao seu ofício, com uma estrutura e um foco que seriam a inveja de qualquer CEO. Essa disciplina é o motor que alimenta seu vasto universo literário. Mas Roberts é mais do que uma máquina de escrever; ela é uma mulher de negócios astuta e uma defensora apaixonada de sua arte. Ela tem sido uma voz vocal na luta contra o esnobismo literário que frequentemente despreza o romance como um gênero menor. Com a autoridade de seu sucesso inegável, ela argumenta que escrever um bom romance, com personagens bem desenvolvidos, um enredo envolvente e uma exploração significativa das emoções humanas,

é um trabalho tão complexo e válido quanto qualquer outra forma de ficção. Além disso, ela se posicionou de forma feroz contra o plágio, usando sua plataforma para expor e combater casos de cópia na indústria, defendendo a integridade do trabalho criativo. Seu legado, portanto, não está apenas nas centenas de livros que escreveu, mas também na maneira como ela elevou a percepção do romance, inspirou incontáveis outros escritores e demonstrou que o sucesso comercial massivo e a qualidade literária não são mutuamente exclusivos.



Nora Roberts ensinou a uma indústria inteira que por trás de cada romance de sucesso existe uma arquitetura complexa de emoção e técnica, e que a necessidade humana de ler sobre amor, esperança e conexão é uma força permanente e poderosa.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/02/2026"



Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br

Linhas Cruzadas: Cenas da Angústia Contemporânea



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

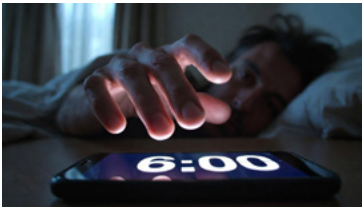
@prof.alineabreu

Angústia não chega de repente. Ela se infiltra. Vai se acomodando como um móvel antigo que ninguém lembra quando entrou na casa, mas que sempre esteve ali, ocupando espaço demais.



Lucas tinha vinte e dois anos e morava num apartamento pequeno, daqueles que cabem numa tela de celular. Trabalhava de dia, estudava à noite e, entre um compromisso e outro, rolava o feed como quem procura uma saída de emergência. O futuro vinha em parcelas. Sempre atrasado. Sempre caro. Sempre insuficiente.

Naquela terça-feira, o despertador tocou às seis e meia. Ele desligou sem olhar as horas. Não era cansaço físico. Era outra coisa, mais funda. Uma espécie de peso no peito, como se o dia já tivesse dado errado antes mesmo de começar.



No ônibus lotado, observava os rostos refletidos no vidro. Todos pareciam jovens demais para carregar tanto medo. Ainda assim, ninguém sorria. Um rapaz ao lado comentava em voz alta:

— Não sei se vai dar pra continuar o curso no semestre que vem. Tudo subiu.

Uma menina respondeu sem tirar os olhos do celular:

— Também não sei pra quê estudar tanto. Olha o mundo como está.

Lucas pensou em Luís da Silva, o personagem de Graciliano Ramos. Aquele homem deslocado, sufocado, vivendo num país que se modernizava sem incluí-lo. Décadas haviam passado, mas a sensação era a mesma. Uma vida presa entre o que se prometia e o que nunca chegava.

No intervalo da faculdade, Lucas abriu um caderno antigo. Não anotava fórmulas nem resumos. Escrevia frases soltas, pensamentos

Guerras. Catástrofes. A sensação de que o amanhã não era promessa, mas ameaça. Desligou a televisão e ficou olhando o reflexo escuro da tela. Lembrou-se de um verso antigo que ouvira do pai, fã de Legião Urbana: “nos deram espelhos e vimos um mundo doente”.

Os espelhos agora eram outros. Não ficavam mais pendurados na parede do quarto nem no fundo do guarda-roupa. Cabiam na palma da mão, acendiam sozinhos, vibravam sem aviso. Brilhavam o tempo todo. E, dentro deles, desfilavam vidas organizadas demais, felizes



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/02/2026”

curtos, quase confissões. Era o único jeito de não enlouquecer de vez.

— Você escreve o quê aí? perguntou Clara, sentando ao lado dele.

— Não sei direito. Escrevo para não explodir.

Ela riu, mas um riso contido, daqueles que escondem mais do que mostram.

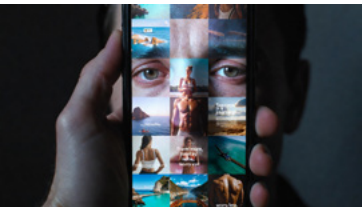
— Também sinto isso. Parece que a gente vive num estado permanente de alerta. Como se tudo fosse desabar a qualquer momento.



Lucas concordou em silêncio. Angústia não precisava de explicação. Era um idioma comum.

À noite, em casa, ligou o noticiário. Crises.

demais, bem-sucedidas cedo demais. Gente da mesma idade que Lucas parecia já ter resolvido tudo aquilo que ele mal conseguia formular. Carreiras em ascensão, viagens, corpos em forma, discursos prontos sobre propósito.



Lucas sabia que aquilo era recorte, edição, filtro. Sabia, racionalmente, que ninguém vive daquele jeito o tempo todo. Ainda assim, o efeito era físico. Um aperto. Uma sensação persistente de estar atrasado para a própria vida. Não era inveja, era outra coisa. Era medo. Medo de não chegar a lugar nenhum. Medo de chegar tarde demais. Medo de que o futuro fosse apenas um corredor estreito, sem portas, onde se anda por obrigação.

Percebeu então que o amanhã já não aparecia como promessa, mas como cobrança. O futuro

exigia preparo, desempenho, escolhas certas feitas cedo, enquanto tudo ao redor dizia que o mundo estava em colapso. Como imaginar alguma coisa adiante se o noticiário anunciava catástrofes e as redes sociais exibiam perfeições inalcançáveis?

Como desejar um amanhã quando ele vinha carregado de dívida, ansiedade e esgotamento?

— Talvez o problema não seja o futuro — murmurou sozinho, olhando o reflexo escuro do celular desligado. — Talvez seja o jeito como ensinaram a gente a olhar pra ele.

Antes de dormir, abriu o caderno mais uma vez. A página em branco parecia menos ameaçadora do que o amanhã. Escreveu devagar, como quem testa um limite: “Imaginar dói, mas desistir dói mais”. Parou. Leu de novo. Não soava como solução. Soava como um gesto mínimo de sobrevivência.

Fechou os olhos sem saber se aquilo era esperança ou apenas resistência. Talvez as duas coisas fossem a mesma coisa agora.

No dia seguinte, acordaria com o mesmo medo. Com a mesma pressão. Com a mesma incerteza. Mas, enquanto ainda fosse capaz de dar nome ao que sentia, enquanto pudesse reconhecer a angústia como sintoma de um mundo adoecido e não apenas como falha pessoal, talvez ela não o devorasse por completo.

E isso, pensou antes de adormecer, já era alguma forma possível de futuro.

Conexão com o livro Angústia, de Graciliano Ramos

A crônica dialoga diretamente com Angústia ao recuperar a experiência subjetiva de um indivíduo aprisionado por um mundo que lhe impõe pressões externas e internas sem oferecer saídas claras. Assim como Luís da Silva, Lucas é um personagem marcado pela introspecção, pela sensação de deslocamento e pela dificuldade de projetar o futuro. Em ambos os casos, a angústia não nasce apenas de conflitos íntimos, mas da fricção entre o sujeito e uma estrutura social opressiva, desigual e excludente.

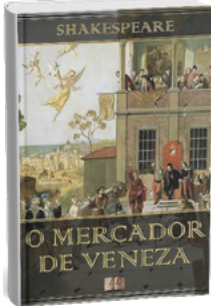
No romance de Graciliano Ramos, a narrativa em tom quase delirante traduz a instabilidade psicológica de um homem esmagado por transformações históricas, pela modernização desigual e pela perda de referências. Na crônica, esse delírio reaparece de forma coletiva e contemporânea: os espelhos já não são apenas mentais, mas digitais; a opressão não vem somente das hierarquias sociais tradicionais, mas também das exigências constantes de desempenho, sucesso e felicidade impostas pelas redes e pelo discurso do progresso.

Assim, a crônica atualiza a angústia de Luís da Silva ao conectá-la à futurofobia que atravessa a juventude de hoje. O sentimento de falta de horizonte, central em Angústia, ressurge como medo do amanhã, ansiedade permanente e dificuldade de imaginar possibilidades. Ao estabelecer esse paralelo, o texto evidencia que, embora o contexto histórico tenha mudado, a experiência da angústia permanece como expressão de um mal-estar social profundo, revelando continuidades entre o Brasil dos anos 1930 e o presente marcado por incerteza, pressão e esgotamento emocional.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



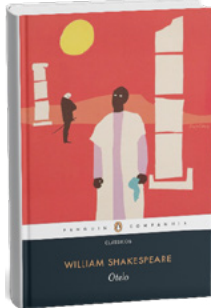
"O Mercador de Veneza"

O mercador de Veneza é uma das obras mais polêmicas de William Shakespeare. Aborda o choque entre diferentes culturas, tema tão presente hoje como na Inglaterra do século XVI. Tradicionalmente classificada como comédia, apresenta elementos típicos do romantismo.

FAZER DOWNLOAD



Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



"Oteló"

Em Veneza, Oteló, um general mouro a serviço do Estado, conquista Desdêmona, uma jovem, filha de um nobre local. Após enfrentar a ira do pai e defender-se com sucesso contra a acusação de tê-la "enfeitiçado", ele parte a Chipre em companhia da esposa para combater o inimigo turco?otomano. Lá, seu alferes, o manipulador Iago, consegue paulatinamente instilar na mente do mouro a suspeita de que Desdêmona o traiu. Oteló é a tragédia em que Shakespeare estudou os mecanismos da imaginação, da paixão e do ciúme. Em nova tradução de Lawrence Flores Pereira, que recria a linguagem grandiosa de Oteló e a prosa nefasta de Iago, esta nova edição é acompanhada de uma longa introdução e notas contextuais do tradutor, bem como de um ensaio de W. H. Auden.

FAZER DOWNLOAD



The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol 2 Jornal Nº 7 - Março/2026
Direção Geral: J.B Wolf
Editor-Chefe: J.B Wolf
Conselho Editorial: [Lista de membros]
Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]
Coordenação de Arte e Design:
Agência The Wolf Bard
Suporte Técnico: [TI e Web]
Contato: redacao@thebardnews.com | Instagram: @thebardnews
Endereço: Águas Claras, Brasília - DF
Colaboradores: [Convidados]
Contato para publicações: participe@thebardnews.com

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

Colunistas fixos: [colunistas especiais]

J.B Wolf	Clayton Zocarato
Jeane Tertuliano	Sandra Santiago
Stella Gaspar	Magna Aspásia
Aline A. Santana	Cláudia Faggi
Beth Baltar	Edna Lessa
Renata Munhoz	
Mariana Pacheco	

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard

CONTATO/WHATSAPP:
(61) 9 8474-7033

LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se encontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos

pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração. Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seleto e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

@neri.cappellari



Miniconto

A Prisão



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

@poetajbwolf

No milionésimo ciclo, o desespero. Na mesa, desdobrei um clipe em agulha. Furei o dorso da mão, um grito mudo. Uma linha vermelha, real. Sangue brotou. Sorri. Então, a marca sumiu. A pele, intacta. O computador apitou: "Fim do expediente".

POEMAS

Recomeço



POETA
Edna Lessa



@ednalessa_escritora

Ao pôr do sol de mais um dia,
o mar se estende em silêncio.
É possível ouvir as ondas que cantam
no gesto imparável de ir e voltar.

Então, meu coração entende:
nada se perde, em tudo se aprende.
Viver é a arte corajosa
de sempre recomeçar.

No céu, o reflexo do mar que acolhe.
Entre o azul profundo
e a fluidez do tempo,
minhas dores encontram abrigo.

E descubro que Deus habita
A paz que se refaz ao entardecer.
Meu olhar se expande no horizonte
e vejo que a vida sabe diminuir o passo
quando é preciso escutar o coração.

POEMAS

Quando o Coração Se Torna Instrumento



POETA
J.B Wolf



@poetajbwolf

Havia um tempo em que meus olhos eram faróis
que guiavam navios perdidos em tempestades,
quando minhas mãos teciam abrigos de ternura
e minha alma era fonte que nunca se esgotava.

Fui amado como se ama a ferramenta perfeita,
polida pelo uso constante do servir,
enquanto meu valor se media em sacrifícios
e minha essência se dissolvia no dar contínuo.

Ó amor que se veste de mercador astuto,
que pesa corações em balanças de interesse,
que transforma carícias em moedas de troca
e promessas em contratos de conveniência!

Quando minhas forças começaram a minguar,
quando não pude mais carregar mundos alheios,
vi partir aqueles que juravam eternidade
como sombras que fogem ao nascer do sol.

Descobri, na solidão que se seguiu,
que jamais fui amado por quem era,
mas pelo que podia oferecer em silêncio,
como vela que se consome para iluminar outros.

Hoje aprendo a amar-me sem propósito,
a encontrar valor na própria existência,
a ser jardim que floresce para si mesmo,
não apenas horta que alimenta famintos.

Que venha amor que não me pese na balança,
que me queira inteiro, mesmo imperfeito,
que veja em mim não ferramenta útil,
mas alma que merece ser amada pelo simples
fato de existir.

POEMAS

Indagações



POETA
Arclay Soares



@ms_arelly

Mas o que é o amor?
É essa faísca tão efêmera
Que mal se acende em meio
Às cinzas da alma?
É uma dor tão profunda
Que do peito escorre e vasa?

Mas o que é o amor?
É essa folha a mercê
Das asas de um vento incerto?
Um canto sutil
Neste vasto deserto?

Mas o que é o amor?
É uma onda perdida
Em busca de um mar que a abriga?
É o barco sob a luz do solitário luar?
Vagando sem rumo certo no olhar?

Mas o que é o amor?
É uma rosa que reluta
A se abrir, e se desfaz em pó?
É um porto alto
Onde não se permite partir só?

Mas o que é o amor?
É um pouco de tudo?
É Um eco distante?
É batida incessante?
É um ponto na solidão?
Nunca, nunca
É quase nada no coração.

POEMAS

Máquina Mágica



POETA
Beatriz F. Santos



@biiabfsantos

A era do digital, nem toda ela é fácil...
Mas... sim, eu sei! É facilitadora...
e não o será demais?
É facilitadora para quem trabalha e
para quem estuda.
Os estudantes não a usavam, investigavam!
Agora, usam-na e abusam,
sem serem racionais.

Procuravam, registavam, apontavam para si,
Pequenos conceitos, frases importantes,
autores deveras...
Enfim! E o que fazem, agora,
os miúdos? Procuram?
Andam atrás de livros?
Que importância ainda tem o físico?

O que fazemos nós? O que andamos a fazer?
Para nós, que ainda aprendemos naturalmente,
É diferente – é claro que o é!

Viamo-nos crescer.
Para os miúdos, que aprendem com a
facilitadora máquina mágica
A que faz tudo, que procura por eles,
que faz por eles, que reescreve
Que tudo por eles!

A era digital – o quanto de coisas boas,
que as têm, tem e terá coisas más.
E espero que tudo não passe
de uma história trágica...
Este é um poema,
é só um pedaço do que sai por aí,
do que é fugaz..



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 35ª edição Janeiro e Fevereiro



MEMÓRIA: "A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo."

Clique aqui para acessar

Em Processo Editorial - 36ª edição Março e abril 2026 Lançamento dia 15 de Março



UMA VIAGEM NOS TEMPOS: "A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano".

Clique aqui para acessar

Editais Abertos - 37ª edição Maio e Junho 2026 Término dia 31 de Março



DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS: "O Papel da Tipografia na Democratização da Informação no Brasil"

Clique aqui para acessar

Site da Revista The Bard

Clique aqui para acessar

Editais Abertos

Clique aqui para acessar

Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Whatsapp

Clique aqui para acessar

CASTELOS & CATEDRAIS

Castelo de Neuschwanstein: o conto de fadas de pedra que inspirou a Disney

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

No alto de um penhasco na Baviera, cercado por florestas densas e lagos de água fria, ergue-se uma construção que parece menos uma obra de engenharia e mais uma ilustração que escapou de um livro de histórias. O Castelo de Neuschwanstein, no sul da Alemanha, tornou-se sinônimo de castelo de conto de fadas. Mais de um século depois de sua construção, ainda atrai milhões de visitantes por ano e permanece tão icônico que serviu de modelo direto para o Castelo da Cinderela, símbolo dos parques da Disney. Mas por trás das torres elegantes, das fachadas claras e das vistas panorâmicas, existe uma história marcada por obsessão estética, isolamento e ruína financeira.

Neuschwanstein foi idealizado pelo rei Ludwig II da Baviera, no século XIX. Fascinado por arte, música e mitologia germânica, ele jamais se conformou com a ideia de ser apenas um monarca administrativo. Ludwig buscava criar mundos paralelos, reinos pessoais em forma de arquitetura. Neuschwanstein foi o mais ambicioso desses projetos. Em vez de seguir a tendência de modernização e pragmatismo político que reorganizava a Europa na época, o rei decidiu se voltar para o passado romântico dos cavaleiros medievais e das lendas nórdicas. O castelo não foi concebido como fortaleza militar, mas como uma espécie de cenário idealizado, um teatro de pedra para seus sonhos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/02/2026"

Apesar da aparência medieval, Neuschwanstein é uma construção do século XIX, iniciada em 1869. Sua arquitetura mistura o estilo neorromânico com elementos góticos e detalhes inspirados em castelos reais da Idade Média, reinterpretados por arquitetos e cenógrafos da época. As torres pontiagudas, as janelas em arco e a implantação dramática sobre o rochedo criam a ilusão de uma fortaleza ancestral, mas, por dentro, o castelo foi planejado com tecnologia avançada para o seu tempo. Ele possuía campainhas elétricas para chamar criados, sistema sofisticado de aquecimento, abastecimento de água encanada e até um tipo de elevador de comida, ligando cozinha e salas superiores, algo notável em plena década de 1880.

O interior é tão teatral quanto a silhueta externa. Salões inteiros foram decorados com cenas das óperas de Richard Wagner, compositor venerado por Ludwig II. Não por acaso, o

castelo às vezes é descrito como uma espécie de homenagem arquitetônica à obra de Wagner. Nas paredes, aparecem cavaleiros, batalhas, deuses e heroínas trágicas, criando um ambiente que mistura religião, mitologia e fantasia. Cada cômodo parece convidar o visitante a entrar em uma narrativa diferente, como se o castelo fosse uma antologia visual de lendas germânicas.

A paisagem em torno de Neuschwanstein completa o efeito. Do castelo, é possível avistar vales verdes, um lago brilhante e as montanhas dos Alpes ao fundo. Em dias de neblina, a construção parece flutuar sobre nuvens, reforçando a sensação de irrealidade. Esse conjunto de elementos cenográficos explica por que o castelo se tornou referência para Walt Disney quando concebeu o famoso Castelo da Cinderela: a combinação de verticalidade, brancura, torres afiadas e ambiente alpino era exatamente o tipo de imagem que a cultura popular associava a reinos encantados.

A ironia é que Ludwig II quase não pôde desfrutar de sua criação. O castelo nunca foi completamente terminado. O rei, cada vez mais isolado politicamente, acumulava dívidas gigantescas com suas construções extravagantes, que incluíam outros palácios igualmente suntuosos. Em 1886, ele foi declarado mentalmente incapaz para governar, em um processo controverso que até hoje suscita debates. Poucos dias depois, foi encontrado morto em circunstâncias misteriosas em um lago próximo, junto com o psiquiatra que o declarara incapaz. Até hoje não há consenso se foi suicídio, acidente ou conspiração.

Após a morte do rei, o Estado bávaro assumiu o controle de Neuschwanstein. Para tentar equilibrar as finanças, o castelo, originalmente concebido como refúgio privado, foi aberto à visitação pública poucos meses depois. O que era um cenário particular se transformou rapidamente em atração turística. Com o passar das décadas, a fama cresceu, impulsionada por fotos, postais e, mais tarde, pelo cinema e pela cultura pop. O que Ludwig II idealizou como fuga do mundo se tornou um dos destinos mais fotografados do planeta.

Hoje, Neuschwanstein é frequentemente interpretado como símbolo de escapismo, mas também como exemplo de como fantasia e realidade podem se misturar de forma perigosa. Por um lado, é inegável seu poder de encantamento. Crianças e adultos, ao avistarem o castelo pela primeira vez, costumam reagir com a mesma sensação de estar entrando em um livro de contos. Por outro lado, a própria história de sua construção revela o custo de transformar sonho em arquitetura concreta. O projeto consumiu somas imensas de dinheiro, desgastou a relação do rei com a elite política bávara e contribuiu para sua queda.

A influência cultural de Neuschwanstein vai muito além da Disney. Em filmes, propagandas e ilustrações, a imagem de castelo perfeito que povoa o imaginário global quase sempre carrega, em maior ou menor grau, traços da construção bávara. Ela se tornou um padrão visual: quando alguém pensa em um "castelo de princesa", frequentemente está pensando em Neuschwanstein, mesmo sem saber. É como se o castelo tivesse se tornado um arquétipo, uma forma básica que define como a fantasia se representa no mundo real.

Ao mesmo tempo, o castelo revela algo sobre a própria Alemanha. Em um país marcado por guerras, divisões e reconstruções, Neuschwanstein oferece uma imagem distinta: não a da rigidez militar ou da indústria pesada, mas a de um país capaz de criar uma obra puramente estética, quase inútil em termos práticos, mas poderosa em termos simbólicos. Ele é, em certo sentido, um monumento à necessidade humana de imaginar outro mundo, ainda que isso custe caro demais ao mundo real.

Visitar Neuschwanstein hoje é caminhar em um espaço suspenso entre ficção e história. As pedras são reais, a engenharia é complexa, a manutenção é constante e cara. Mas o impacto maior está na sensação de entrar em um sonho que alguém levou muito a sério. Ludwig II não viveu para ver o castelo concluído, nem para saber que sua obsessão inspiraria um dos símbolos mais reconhecíveis da cultura de massa. Talvez isso seja a face mais curiosa de Neuschwanstein: um rei que fugiu do mundo construiu, sem querer, um dos cenários mais populares do planeta.



Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI



LITERATURA

Lendas Arthurianas e a relação religiosa da Bretanha



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

Ainda hoje, as narrativas do Rei Arthur permeiam o folclore, a história medieval e o interesse turístico da Grã-Bretanha, onde um rei digno da espada governa o país entre fatos históricos e buscas mágicas. Diferentes adaptações foram feitas, tanto no meio literário, para registrar ou reescrever as aventuras dos cavaleiros da tábua redonda, quanto para o cinema e teatro.



A versão mais aceita, considerada a base das lendas arthurianas, foi a escrita por Sir Thomas Malory, “Le Morte D’Arthur”, do século XV; mas a versão “Rei Arthur e os Cavaleiros da Tábua Redonda”, de Howard Pyle (1903), também foi deveras disseminada, além de contar com as xilogravuras do autor para ilustrar desde a ascensão do rei, seu casamento com Guinevere e a busca do Graal. No Brasil, a editora Zahar publicou a versão de Pyle.



Outros autores também ousaram, com sucesso, aproximar a história de Artur da realidade. Marion Zimmer Bradley deu voz às mulheres de Camelot e Avalon em sua obra “As Brumas de Avalon” (1979), onde a mágica se torna parte dos ritos ancestrais dos druidas da Bretanha, e as sacerdotisas são figuras de destaque no movimento do destino. Já Bernard Cornwell, renomado autor de romances históricos e marcado por cenas de batalhas épicas em seus livros, em “As Crônicas de Arthur” (1995), dá ao rei Arthur cenas mais próximas da linha do tempo, quando os romanos deixam a ilha inglesa, e os clãs precisam de um novo líder.



Os personagens – Arthur, Morgana, Guinevere e Lancelot, principalmente – ganham nuances próprias em cada nova adaptação: por exemplo, se Marion Zimmer Bradley coloca Guinevere como uma cristã devota, Cornwell a posiciona como adoradora de diferentes divindades, inclusive Isis; já Morgana é a peça chave de Avalon para Bradley, como sacerdotisa e parte do povo das fadas, mas Cornwell sela o destino da meia-irmã de Arthur em um convento. E o rei Arthur, apesar de seu destino permanecer o mesmo em sua essência, sua personalidade alterna entre grande rei e ingênuo apaixonado.

Porém, entre releituras e reinterpretações, tanto nas páginas quanto nas telas, uma discussão constante que permeia as lendas arthurianas se trata de como Arthur precisou lidar com a questão religiosa de seu reino. De um lado, repre-



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/02/2026”

sentado por Merlin e Morgana, a antiga religião, isso é, o paganismo dos celtas e dos druidas, busca a fidelidade de um rei provindo de um clã antigo. Do outro, enraizado pelos resquícios da Abadia de Glastonbury e a busca pelo Santo Graal, o cristianismo que conquista o povo e o coração de cavaleiros do rei. E Arthur sempre precisava escolher uma posição.



Mais do que Excalibur e Camelot, o ciclo arthuriano dentro da literatura gira em torno de temas cristãos e o embate com os chamados pagãos – uma evidência mínima é que a Abadia de Glastonbury e Avalon, nas histórias e na cren-

ça popular, dividiram um mesmo espaço físico, em Ynys Afallach – e que as brumas escondiam um do outro, para Marion Zimmer. Ambas as religiões estão intrinsicamente ligadas em disputa e ao rei central destas lendas. Arthur confia em Merlin e conquista Excalibur da Dama do Lago, em seu lado místico, porém, depois envia seus cavaleiros em uma jornada santa pelo Graal, em remissão e conversão de sua alma e de seu reino. E o túmulo de Arthur, crê-se, ter sido a Abadia, mas nas lendas, seu corpo foi levado à Avalon, onde espera, adormecido, ser desperto quando a Bretanha precisar.

É possível pensar que, entre lendas e fatos históricos, bem aqueles passíveis de questionamento, as lendas arthurianas também estabelecem diálogo para a narrativa de como o cristianismo se estabelece na Grã-Bretanha e os celtas e a religião antiga perdem seu espaço de crença. As lendas se constroem por mitos, que se conectam com a realidade por elementos que os legitimam e criam vínculos emotivos com seus espectadores.



Rei Arthur é a identidade da Grã-Bretanha, mas mantém o questionamento da Fé dos bretões, e a legitimação de crenças: dos celtas aos católicos, então aos anglicanos e protestantes, e aquelas vindas do Oriente (islamismo e o hinduísmo), bem como o ateísmo. Se as lendas arthurianas ainda criam identificação com os ingleses, é porque o coração de um rei em dúvida com sua fé ainda representa seu povo, mesmo hoje.

A Mulher por Trás do Homem: As Escritoras que a História Tentou Apagar

LITERATURA

- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Imagine dedicar anos da sua vida a escrever uma obra-prima. Criar personagens inesquecíveis, construir universos inteiros com palavras, derramar alma e inteligência em cada página. E então perceber que, para ser levada a sério, você precisaria fazer uma coisa impensável: deixar de existir.

Foi exatamente isso que algumas das maiores escritoras da história precisaram fazer. No século XIX, em plena era vitoriana, uma mulher que ousasse publicar literatura séria enfrentava um muro invisível mas absolutamente sólido: o preconceito de um mundo que simplesmente não acreditava que uma mulher pudesse escrever algo digno de atenção intelectual. A solução que encontraram foi tão brilhante quanto dolorosa, tornaram-se homens de papel.

A sociedade vitoriana tinha regras claras e cruéis. As mulheres pertenciam ao lar, à família, à discrição silenciosa. A vida pública, os debates intelectuais, as grandes editoras e os críticos literários influentes eram territórios exclusivamente masculinos. Uma obra assinada por uma mulher era automaticamente classificada como literatura sentimental e menor, independentemente de seu conteúdo

ou qualidade. O gênero da autora contaminava a percepção do texto antes mesmo que a primeira linha fosse lida.

Foi neste cenário sufocante que três irmãs criadas nos ventos e isolados pântanos de Yorkshire tomaram uma decisão que mudaria para sempre a história da literatura. Charlotte, Emily e Anne Brontë cresceram em um presbitério remoto, filhas de um clérigo, rodeadas de solidão e de uma imaginação que não cabia no mundo pequeno reservado às mulheres de sua época. Em 1846, publicaram uma coletânea de poemas sob os nomes Currer, Ellis e Acton Bell, pseudônimos propositalmente ambíguos, nem claramente masculinos nem femininos, calculados para passar pela peneira do preconceito editorial.

O resultado foi revelador. Em 1847, Charlotte publicou Jane Eyre como Currer Bell. O sucesso foi imediato e estrondoso. Os críticos celebraram a profundidade psicológica da obra, a força da narrativa, a ousadia de um autor misterioso que desafiava as convenções sociais com elegância e coragem. No mesmo ano, Emily lançou O Morro dos Ventos Uivantes como Ellis Bell, obra tão sombria e perturbadora que deixou a crítica literária da época completamente desconcertada, mas profundamente impressionada.

Então veio a revelação. Quando o mundo descobriu que Jane Eyre havia sido escrito por uma mulher, algo inquietante aconteceu: o tom das críticas mudou de forma imediata e perceptível. Os mesmos revisores que antes celebravam a genialidade de Currer Bell passaram a procurar falhas com uma determinação quase

obsessiva, agora munidos de estereótipos de gênero que antes simplesmente não tinham como usar. O disfarce havia funcionado porque era absolutamente necessário. E sua retirada provou, de forma cruel e irrefutável, o que as irmãs sempre souberam: o mundo julgava a autora antes de julgar a obra.

Mas foi Mary Ann Evans quem levou esta estratégia ao seu ponto mais alto e mais revelador. Nascida em 1819 em Warwickshire, esta mulher de inteligência excepcional era fluente em vários idiomas e havia traduzido obras filosóficas complexas do alemão. Era reconhecida nos círculos intelectuais de Londres como uma das mentes mais brilhantes de seu tempo. E ainda assim, quando decidiu escrever ficção, sabia que seu nome verdadeiro a condenaria antes mesmo de começar.

Escolheu então um nome com cuidado quase matemático: George Eliot. O prenome era uma homenagem ao companheiro George Henry Lewes. O sobrenome soava bem e não revelava nada. Em 1859, lançou Adam Bede sob esta identidade masculina, e o sucesso foi imediato. A crítica celebrou o autor desconhecido como uma revelação da literatura inglesa, correspondendo-se com os maiores intelectuais europeus da época. Ninguém suspeitava que por trás daquele nome estava uma mulher que havia precisado apagar sua própria identidade para que seu gênio fosse reconhecido.

George Eliot seguiu escrevendo. Publicou O Moinho no Floss, Silas Marner e, por fim, aquela que muitos consideram a maior obra em língua inglesa já escrita: Middlemarch,

publicado entre 1871 e 1872. O escritor C.S. Lewis a descreveria, décadas depois, como uma das obras mais profundas da literatura universal. Era George Eliot quem assinava as capas. Era Mary Ann Evans quem escrevia cada palavra.

Além do Canal da Mancha, na França, Amantine Lucile Aurore Dupin fazia escolha semelhante: tornou-se George Sand, nome que usou não apenas para publicar romances, mas para circular livremente por debates filosóficos e políticos que a sociedade europeia reservava exclusivamente aos homens. Seu pseudônimo era um passaporte para um mundo do qual as mulheres eram sistematicamente excluídas.

O que une todas estas histórias não é apenas a injustiça que revelam, mas a inteligência extraordinária com que estas mulheres

responderam a ela. Não foram vítimas passivas de seu tempo. Foram estrategistas brilhantes que encontraram, dentro dos limites sufocantes da era vitoriana, uma forma elegante e eficaz de subverter o sistema. Fingiram ser quem não eram para mostrar ao mundo o que realmente eram: algumas das mentes mais poderosas de seu século.

Seus nomes verdadeiros merecem ser pronunciados em voz alta. Charlotte, Emily e Anne Brontë. Mary Ann Evans. Amantine Dupin. Mulheres que, para serem ouvidas, precisaram primeiro desaparecer, e que, ao fazer isso, criaram obras que o tempo não conseguiu, e nunca conseguirá, apagar.

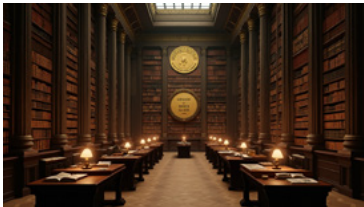


IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/02/2026”

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1905 – Henryk Sienkiewicz (Polônia)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Henryk Sienkiewicz:
o romancista que deu à Polônia uma pátria em palavras

Quando a Academia Sueca anunciou, em 1905, que o Prêmio Nobel de Literatura iria para Henryk Sienkiewicz, a justificativa foi curta, mas precisa: “por seus méritos excepcionais como escritor épico”. Por trás dessa fórmula oficial havia algo maior: a consagração de um romancista que, em plena época de opressão política, ofereceu a seu povo uma pátria alternativa, feita de história, memória e imaginação.



Sienkiewicz escreveu em polonês num tempo em que a Polônia não existia como Estado. Partilhada entre Rússia, Prússia (futura Alemanha) e Áustria, seu país era um território fatiado na geografia, mas vivo na cultura. E foi pela literatura que esse país resistiu. Se Mickiewicz foi a voz poética do romantismo polonês, Sienkiewicz se tornaria o grande narrador do espírito nacional, construindo sagas históricas que alimentaram o orgulho e a identidade de gerações.

Mais de um século depois, o autor de “Quo Vadis” continua sendo, para muitos leitores, o rosto da ficção histórica polonesa. Mas seu significado vai além de um único livro.

Origem modesta, ambição imensa

Henryk Sienkiewicz nasceu em 1846, numa família de pequena nobreza empobrecida, na região então dominada pelo Império Russo. A Polónia havia desaparecido do mapa no final do século XVIII, e sua geração cresceu sob ocupação estrangeira, censura e tentativas sistemáticas de apagar a língua e a cultura polonesa.

Estudou em Varsóvia, inicialmente Direito e depois filologia, mas não concluiu o curso. Acabou enveredando pelo jornalismo. Como cronista, demonstrou rapidamente talento narrativo: escrevia reportagens, cartas de viagem, perfis, sempre com senso de observação, ironia controlada e grande atenção ao detalhe humano.

Uma longa viagem aos Estados Unidos, entre 1876 e 1878, financiada por jornais, ampliou seu horizonte. Ele atravessou o Atlântico num momento em que muitos poloneses migravam em busca de sobrevivência. Descreveu com precisão a vida dos emigrantes, o choque cultural, as agruras do Novo Mundo. Mas percebeu, também, que sua missão, em última instância, estava ligada à velha Europa e à terra natal.

Ao voltar para a Polónia, Sienkiewicz trazia consigo uma visão mais ampla do mundo e a convicção de que, se o país não existia politicamente, poderia e deveria existir na literatura. Era hora de escrever romances que dessem aos poloneses uma memória comum.

A trilogia que inflamou um povo

A notoriedade de Sienkiewicz dentro da Polónia começou com a chamada “Trilogia”: três romances históricos ambientados no século XVII, quando a República das Duas Nações (Polónia-Lituânia) ainda era uma potência, embora marcada por conflitos internos e guerras com vizinhos.

- Os três romances são:
1. “A Sangue e Fogo” (Ogniem i mieczem, 1884)
 2. “O Dilúvio” (Potop, 1886)
 3. “Senhor Wolodyjowski” (Pan Wolodyjowski, 1888)

Em “A Sangue e Fogo”, Sienkiewicz narra a revolta dos cossacos ucranianos contra a nobreza polonesa. Em “O Dilúvio”, acompanha a invasão sueca e a resistência desesperada dos poloneses. Em “Senhor Wolodyjowski”, foca na luta contra os turcos e tártaros nas fronteiras do sudeste.

- Essas obras combinam:
- pesquisa histórica sólida;
 - personagens ficcionais intensos (como o impulsivo cavaleiro Skrzetuski ou o carismático Kmicic);
 - cenas de batalha vívidas;
 - intrigas políticas;
 - romances amorosos;
 - e um forte componente de honra, sacrifício e patriotismo.

Mas a intenção ia além da reconstituição do passado. Escrevendo em plena dominação estrangeira, Sienkiewicz fazia um gesto político sutil: lembrava aos leitores que a Polónia já tivera grandeza, que havia resistido em situações extremas e que, apesar das derrotas, sobrevivera. De certo modo, ele dizia: “Já fomos esmagados antes, e continuamos aqui”.

A frase que se tornou famosa na Polónia resume o papel da Trilogia: Ela foi escrita *“para encorajar os corações”*.

Não se tratava de propaganda barata. Sienkiewicz não ignorava erros, falhas, traições internas. Mas, ao dramatizar o passado, construía um mito de resistência que nutria o imaginário coletivo. Seus livros circulavam amplamente, eram lidos em voz alta, emprestados, discutidos. Para um povo sem Estado, a Trilogia funcionava quase como um “romance nacional”.

“Quo Vadis”: Roma, cristianismo e fama mundial

Se na Polónia a Trilogia foi o alicerce da fama, no mundo foi outro livro que explodiu: “Quo Vadis”, publicado em 1895.

Ambientado em Roma, durante o reinado de Nero, o romance acompanha a perseguição aos cristãos, o sadismo do imperador, a decadência moral da elite e o contraste entre a brutalidade do poder e a fé incipiente de uma comunidade perseguida. A trama central gira em torno do amor entre Vinícius, patrício romano inicialmente cético, e Lígia, jovem cristã de origem bárbara.

- “Quo Vadis” reúne várias forças de Sienkiewicz:
- a habilidade de transformar contexto histórico em cenário vibrante;
 - o gosto por personagens em crise moral;
 - o talento para cenas de forte impacto visual (como os martírios no circo);
 - o uso de uma narrativa que mistura aventura, romance e reflexão espiritual.

O título vem de uma tradição cristã: “Quo vadis, Domine?” (“Aonde vais, Senhor?”), frase que, segundo a lenda, Pedro teria dito a Cristo ao



IMAGEM GERADAPORIA “usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/02/2026”

fugir de Roma. No livro, essa tensão entre fugir e ficar, ceder ou resistir, salvar-se ou sacrificar-se, é dramatizada ao longo da narrativa.

O impacto foi gigantesco. Traduzido rapidamente em dezenas de línguas, “Quo Vadis” transformou Sienkiewicz em best-seller planetário no final do século XIX. Vendeu milhões de exemplares, inspirou peças de teatro, óperas e, mais tarde, grandes produções cinematográficas em Hollywood e na Europa. Foi, em seu tempo, o que hoje chamariamos de fenômeno global.

Para a Academia Sueca, “Quo Vadis” foi o grande cartão de visitas internacional do autor. Mas o Nobel veio, principalmente, como reconhecimento de um conjunto de obra que unia epopeia histórica, vigor narrativo e sentido moral.

Estrutura e estilo: o artesanato do romance clássico

Sienkiewicz escrevia dentro do que hoje chamamos de forma clássica do romance: narrador em terceira pessoa, progressão linear, capítulos bem marcados, personagens claramente delineados. Mas, dentro dessa forma relativamente tradicional, havia grande inteligência.

- Sua prosa é clara, fluida, muitas vezes cinematográfica antes do cinema, com:
- descrições enxutas, porém muito visuais;
 - diálogos vivos, que revelam caráter;
 - ritmo bem administrado entre cenas de ação e momentos de introspecção;
 - uso de suspense e viradas dramáticas que mantêm o leitor preso.

Ele sabia como construir uma cena de batalha que envolvesse o leitor, como fazer um duelo importar não só fisicamente, mas como clímax de um conflito interno. Sabia, também, equilibrar

o grande e o pequeno: a turbulência da história e as paixões individuais.

Seus críticos modernos apontam, às vezes, uma tendência ao maniqueísmo em alguns romances, com heróis muito nobres e vilões muito perversos. Essa crítica não é totalmente injusta. Sienkiewicz escrevia em um contexto em que a literatura épica tinha também uma função de exaltação. Mas, dentro desse esquema, ele conseguia nuances, especialmente quando tratava de personagens divididos entre dever e desejo.

O escritor sob censura e sob vigilância

Viver e escrever sob dominação estrangeira não só “Quo Vadis”, mas sobretudo a força épica de suas narrativas e o impacto que exerciam sobre leitores de diferentes países. Sienkiewicz era, afinal, um raro caso de escritor que conseguia, ao mesmo tempo:

- ser profundamente enraizado em uma tradição nacional;
- e dialogar com um público global, via temas universais (fé, coragem, honra, amor, resistência).

Apesar do risco, não se limitou à ficção. Escreveu artigos, manifestos, cartas abertas em defesa de causas polonesas, especialmente nos últimos anos da vida. Quando a pobreza assolava as regiões rurais ou quando algum escândalo político atingia conterrâneos, ele se mobilizava. A fama internacional lhe dava alguma proteção, mas também grande responsabilidade.

Não viu, em vida, a pátria ressurgir no mapa. Mas sua obra teve papel decisivo para que ela nunca desaparecesse da mente dos poloneses.



O Nobel de 1905: consagração e símbolo

Conceder o Prêmio Nobel de Literatura a um autor polonês em 1905 tinha significado que ia além da literatura. Era, implicitamente, uma afirmação internacional de que a cultura polonesa era grande demais para ser apagada por conquistas militares.

- Ao justificar o prêmio, a Academia destacou não só “Quo Vadis”, mas sobretudo a força épica de suas narrativas e o impacto que exerciam sobre leitores de diferentes países. Sienkiewicz era, afinal, um raro caso de escritor que conseguia, ao mesmo tempo:
- ser profundamente enraizado em uma tradição nacional;
 - e dialogar com um público global, via temas universais (fé, coragem, honra, amor, resistência).

Para a Polónia, o Nobel foi recebido como vitória coletiva. Não era apenas um prêmio a um indivíduo, mas reconhecimento de uma cultura subjugada. Sienkiewicz, discretamente, assumiu esse papel de representante de um povo sem Estado.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1906 – Giosuè Carducci (Itália)



Giosuè Carducci: o professor que transformou a Itália em verso

Quando a Academia Sueca concedeu o Prêmio Nobel de Literatura a Giosuè Carducci, em 1906, havia ali um gesto claro: reconhecer não só um poeta de grande qualidade formal, mas também um homem que encarnava a própria ideia de uma Itália moderna, laica e consciente de sua história. Carducci foi o primeiro italiano a receber o Nobel de Literatura e, de certo modo, representava a consolidação cultural de um país que, recém-unificado no século XIX, ainda buscava afirmar sua identidade.



Professor, filólogo, ensaísta, orador e, acima de tudo, poeta, Carducci dedicou a vida a duas paixões: a língua italiana e a história da Itália. Entre o culto aos clássicos greco-latinos, o amor pela Renascença e a militância republicana, ele construiu uma obra que, embora menos conhecida hoje fora da Itália, foi absolutamente central em seu tempo.

A infância entre monges e revoluções

Giosuè Carducci nasceu em 1835, na Toscana, região que já fora berço de Dante, Petrarca e Boccaccio. Seu pai era médico e tinha ideias liberais, antimonárquicas e anticlericais, o que marcaria profundamente a formação do filho. A infância de Carducci se passou em vilas pequenas, entre livros e debates políticos, com o clima tenso do Risorgimento, o movimento de unificação italiana, ao fundo.

Desde cedo, mostrou inclinação para as letras. Estudou em Pisa, mergulhando na literatura clássica. Os modelos que o fascinavam eram Horácio, Virgílio, Catulo; em italiano, admirava sobretudo os humanistas e renascentistas. Ao contrário de muitos jovens de sua época, não se rendeu de imediato ao romantismo sentimental. Em vez de versos derramados, buscava forma, medida, disciplina.

Essa postura “clássica”, tanto estética quanto moral, guiaria toda a sua carreira.

O professor de Bolonha e o culto à forma

Carducci tornou-se professor de literatura italiana na Universidade de Bolonha, uma das mais antigas da Europa. Ali, formou gerações de estudantes, não apenas pela erudição, mas pela paixão quase religiosa com que defendia a grande tradição literária italiana.

Em sala de aula e em conferências, Carducci insistia na importância de estudar os clássicos, de dominar a língua, de compreender a história literária como parte da história nacional. Via-se como herdeiro de Dante e Petrarca, mas também como alguém que deveria, no presente, estar à altura dessa linhagem.

Sua poesia reflete esse compromisso com a forma. Carducci era um mestre do verso metrificado, dos sonetos, das odes, das estrofes rigorosamente trabalhadas. Rejeitava o sentimentalismo frouxo que via em certos românticos e buscava uma poesia com espinha dorsal, capaz de vibrar em nível intelectual e emotivo ao mesmo tempo.

Ode ao passado e crítica ao presente

Em sua obra poética, Carducci equilibra, com habilidade, duas linhas: a evocação do passado glorioso da Itália e a reflexão crítica sobre o presente.

Coleções como “Rime Nuove” e “Odi Barbare” são particularmente representativas. Nas “Odi Barbare”, por exemplo, ele experimenta recriar métricas da poesia latina em italiano, num esforço ambicioso de aproximar diretamente sua língua nacional da solenidade e do ritmo da Antiguidade. Um exercício técnico ousado, mas também um gesto simbólico: a Itália moderna dialogando de igual para igual com Roma antiga.

Ao mesmo tempo, Carducci não era um conservador nostálgico. Era republicano, anticlerical, defensor da separação entre Igreja e Estado. Em diversos poemas e discursos, criticou o poder temporal da Igreja, o atraso intelectual e moral que, em sua visão, resultava da aliança entre trono e altar.

Seu famoso poema “A uma igreja rural” é

emblemático: diante de uma igreja antiga, ele mistura o encanto pela antiguidade arquitetônica com a denúncia de séculos de opressão religiosa. Carducci era capaz de ver beleza no legado histórico e, simultaneamente, enxergar as sombras que o acompanhavam.



O poeta-cidadão

Carducci via o poeta como figura pública, não apenas como artista recluso. Ele escrevia, discursava, debatía. Era frequentemente convidado para celebrações cívicas, homenagens, cerimônias oficiais. Sua voz tinha peso político.

Em um período em que a Itália tentava consolidar-se como Estado unificado, com instituições modernas, Carducci representava a vertente laica, racional, progressista. No Parlamento e nas universidades, seu nome era associado à defesa da escola pública, da liberdade de pensamento, da valorização das letras como componente essencial da cidadania.

Recebia, também, críticas. Alguns o acusavam de ser excessivamente formalista, de negar espaço à subjetividade romântica, de ser por vezes duro demais em seus juízos anticlericais. Mas mesmo os adversários reconheciam nele uma integridade intelectual rara.

As “Odi Barbare”: inovação dentro da tradição

O título de uma de suas coletâneas mais importantes, “Odi Barbare” (Odes Bárbaras), já mostra seu espírito criativo. Chamá-las de “bárbaras” era uma ironia: Carducci usava o termo que os próprios latinos aplicavam aos que não dominavam sua métrica, mas, naquele caso, o que ele fazia era justamente o contrário, tentando transplantar para o italiano esquemas métricos gregos e latinos, como os de Horácio e Alceu.

Era uma espécie de laboratório poético. Versos como “Pianto antico” (“Antigo pranto”), escrito após a morte de seu filho de três anos, unem esse rigor formal à emoção contida, resultando em poemas de grande força. Nessa composição, por exemplo, a dor é metaforizada como uma planta que não volta a brotar, numa imagem simples, mas profundamente tocante.

Essa capacidade de falar de temas íntimos (dor pessoal, saudade, amor, velhice) com uma linguagem que nunca se entrega ao sentimentalismo, mas também não resvala para a frieza, é um dos traços que fizeram de Carducci um poeta respeitado por leitores e críticos.



Da juventude anticlerical à velhice mais moderada

Carducci ficou conhecido, em sua fase mais combativa, como ateu e inimigo da Igreja. Escreveu poemas e textos duros contra o poder eclesiástico, chegou a celebrar, em discursos, a derrota política do papado em terras italianas.

Com o passar dos anos, porém, sua postura foi se suavizando. Sem nunca abandonar a defesa do Estado laico, passou a adotar um tom mais sereno, menos inflamado. Sua poesia tardia reflete uma visão de mundo mais contemplativa, em que a natureza, a passagem do tempo e a memória ganham espaço ao lado das polémicas políticas.

Não é que tenha “se convertido” no sentido religioso estrito, mas parece ter encontrado, na

maturidade, um equilíbrio entre razão crítica e certa aceitação melancólica dos limites da existência humana. Essa evolução contribuiu para torná-lo uma figura complexa, menos caricatural do que a imagem de “anticlerical feroz” poderia sugerir.

O Nobel de 1906: um prêmio à forma e à função

Ao premiar Giosuè Carducci, a Academia Sueca destacou “não só a sua profunda erudição e pesquisa crítica, mas acima de tudo sua energia criadora, frescor de estilo e força lírica que marcaram a poesia italiana moderna”. A escolha não se deveu a um único livro, mas a um conjunto de obra.

O Nobel a Carducci significou, naquele momento:

- reconhecimento de um poeta que revigorara a tradição italiana clássica;
- valorização de uma poesia que, sem abandonar a forma, lidava com o presente e com questões nacionais;
- homenagem a um intelectual que personificava a Itália unificada, moderna e laica.

Para a Itália, foi motivo de orgulho. Um país recém-chegado à condição de Estado moderno via um de seus poetas ser celebrado no palco internacional, como herdeiro legítimo de uma tradição literária que vinha desde Dante. Carducci, já idoso, aceitou o prêmio como culminância de uma vida dedicada às letras.

Críticas posteriores e lugar na história

Com a passagem do tempo e a explosão das vanguardas do século XX (futurismo, simbolismo, surrealismo), a poesia de Carducci passou a ser vista, por muitos, como “clássica demais”, “acadêmica”, “conservadora em forma”. Poetas como Ungaretti, Montale e outros italianos modernos romperam com o verso tradicional, buscando novas sonoridades e estruturas.

Mas essa mudança de paradigma estético não apaga a importância de Carducci. Ele é um elo fundamental entre o século XIX e o XX, entre a tradição e a modernidade. Sua capacidade de manejar o verso com maestria, de dialogar com os clássicos sem cair em imitação servil, de dar voz poética à construção da Itália moderna, garante-lhe um lugar sólido na história literária.

Além disso, seus ensaios e estudos críticos ajudaram a consolidar a disciplina de literatura italiana como campo acadêmico, tratando autores anteriores com rigor filológico e sensibilidade estética.

Por que Giosuè Carducci ainda importa

Em um mundo onde, muitas vezes, se coloca tradição e modernidade como inimigas, a figura de Carducci oferece uma perspectiva diferente. Ele prova que é possível:

- ser profundamente enraizado na tradição e, ainda assim, falar ao presente;
- unir erudição e engajamento;
- escrever poesia formalmente exigente sem sacrificar a emoção;
- ver a literatura como parte ativa da vida política e cívica de um país.

Carducci foi, ao mesmo tempo, professor e poeta, erudito e cidadão, crítico e criador. Sua vida se confunde com um momento-chave da Itália: o esforço para se pensar como nação, não apenas como coleção de reinos e cidades.

O Nobel de 1906, ao trazer seu nome para o centro do palco internacional, registrou para a posteridade essa combinação rara de arte e responsabilidade pública. Ler Carducci hoje pode ser um exercício de reaprender a dialogar com o passado, sem nostalgia cega, mas com respeito e curiosidade.

Ele não é um poeta da moda. É um poeta de estrutura, de alicerce. E toda casa cultural sólida precisa de alicerces.

LITERATURA

Por Que Ariano Suassuna Defendia a Cultura Nacional na Literatura?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

LITERATURA

"literatura sem raiz é planta de plástico. O Brasil precisa se reconhecer antes que alguém de fora diga quem ele é."

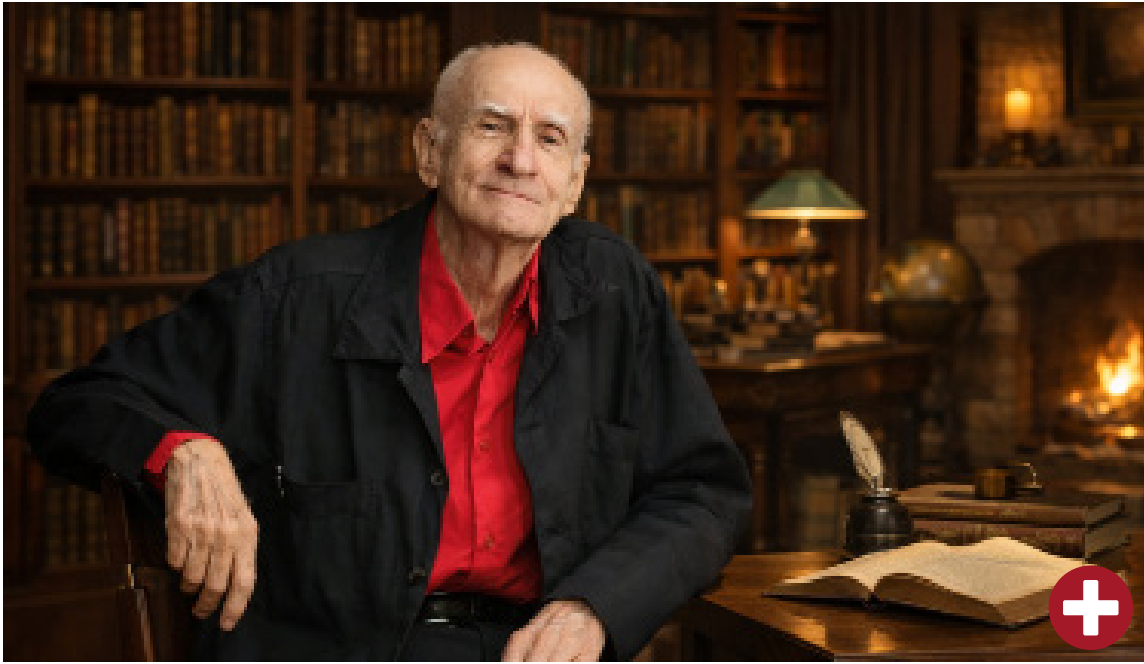


IMAGEM GERADA POR IA *usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/02/2026*

Fato é que o brasileiro ainda acredita que tudo o que vem de fora tem mais valor! Nas artes, esse vício chega a ser patológico. Valorizar o que se cria aqui parece um ato quixotesco, uma tentativa persistente de esmurar a ponta de uma faca. Ariano Suassuna, no entanto, não recuou diante dela e ainda fez graça da dor.



Ele sabia que o problema do Brasil não era apenas estético, mas existencial. Falta-nos senso de nação, e o que não se reconhece não se defende. Sua literatura e suas falas foram espelhos erguidos contra o apagamento da própria imagem. Ariano via o país como um povo que precisa se alfabetizar em si mesmo antes de estudar o mundo.

Ao fundar o Movimento Armorial, não buscou isolamento, mas encontro. Quis unir o erudito e o popular, o violino e a rabeca, o cordel

e o romance, para que se ouvisse uma só língua: a do Brasil profundo, esse que fala cantando e pensa sorrindo. Enquanto muitos acreditavam que ser "universal" era imitar o estrangeiro, Ariano mostrava que o verdadeiro universal nasce do que é autêntico!



Com humor cortante, dizia que o artista brasileiro precisava parar de pedir visto para entrar em sua própria cultura. E insistia que deveríamos aprender a gostar do que é nosso antes de venerar o que nos vendem como superior. Esse "nacionalismo" não era fechamento, mas amor. Um amor exigente, desses que cutucam, provocam e educam.

Mas amar o Brasil exige coragem. É difícil amar um país que tantas vezes se esquece de si! Ariano via nisso uma missão: ensinar o brasileiro a se olhar com respeito, a entender que o sertão é tão filosófico quanto Atenas, que um repente

vale tanto quanto um soneto inglês.

O perigo, segundo ele, era nos tornarmos colônia estética, dependentes do gosto alheio e estrangeiro. Quando isso acontece, o que se perde não é apenas arte, mas alma. Um povo que chama de "brega" o que lhe é próprio começa a perder o juízo da beleza.

Ariano Suassuna defendia a cultura nacional porque sabia que literatura sem raiz é planta de plástico. Parece viva, mas não respira. Ele queria uma arte que suasse, que risse, que rezasse e debochasse com a mesma boca! Uma arte que lembrasse o Brasil de quem ele é, antes que alguém de fora o dissesse.

Sua luta não era contra o estrangeiro, mas contra o complexo de vira-lata. Queria que o Brasil parasse de pedir desculpas por ser o que é. E isso, convenhamos, continua sendo uma heresia necessária! O Brasil tem uma grande alma. Só precisa acreditar nela.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Resenha de Livro

"O Auto da Compadecida"

Ariano Suassuna

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

No panteão da literatura brasileira, poucas obras alcançaram o status de ícone cultural como "O Auto da Compadecida". Escrita em 1955 pelo genial Ariano Suassuna, esta peça de teatro não é apenas a sua obra mais famosa, mas um verdadeiro marco que encapsula a riqueza do folclore, a profundidade da religiosidade e o humor mordaz do sertão nordestino. Através das peripécias de seus inesquecíveis protagonistas, João Grilo e Chicó, Suassuna teceu uma narrativa que, décadas após sua criação, continua a ressoar com o público, provando a atemporalidade de sua genialidade e a força de sua visão artística.

Ariano Suassuna (1927-2014) foi um escritor, dramaturgo, poeta e ensaísta brasileiro, um dos maiores defensores da cultura popular nordestina e um dos fundadores do Movimento Armorial, que buscava criar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares. "O Auto da Compadecida" é a materialização perfeita dessa filosofia. A peça é um "auto", um gênero teatral medieval de origem religiosa, que Suassuna revitalizou com elementos tipicamente brasileiros, criando uma obra que é ao mesmo tempo universal e profundamente enraizada em sua terra.

A história se desenrola na pequena cidade de Taperoá, Paraíba, e acompanha as desventuras de João Grilo, um sertanejo pobre, esperto e mentiroso, e seu amigo Chicó, um sujeito covarde e ingênuo, mas com uma imaginação fértil para contar "causos". Juntos, eles tentam sobreviver às adversidades do sertão, usando a malandragem e a sorte para se livrar de situações complicadas, envolvendo figuras como o Padeiro e sua esposa adúltera, o Major Antônio Moraes, o Padre João e o Bispo.

A trama atinge seu clímax com a morte dos personagens e o subsequente julgamento no céu, onde são confrontados por Jesus Cristo (o Encourado), o Diabo e, crucialmente, Nossa Senhora, a Compadecida. É a intervenção misericordiosa da Compadecida que oferece uma chance de redenção aos pecadores, especialmente a João Grilo, que, apesar de suas falhas, demonstra um coração simples e uma fé genuína. Essa fusão de elementos cômicos, trágicos e religiosos é o que confere à peça sua profundidade e seu apelo duradouro.

@poetajbwolf

PARTICIPE DO EDITAL

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaios:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

LITERATURA

Por que os grandes clássicos nunca saem de moda?

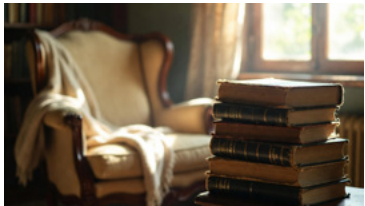


Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

Para muitos, os clássicos remetem a momentos importantes da vida, à infância, à juventude ou a descobertas pessoais. Quem não gosta de recordar o prazer sensorial-mental de suas preferências literárias? Os Clássicos produzem uma boa imagem, um momento marcado de pontos emotivos, intelectuais capazes de despertar grandes recordações de um panorama vivido, evocando nostalgia e momentos significativos da vida, ao resistirem ao teste do tempo. Essa ligação afetiva contribui para serem revisitados constantemente, criando uma sensação de pertencimento e continuidade cultural.



É muito difícil fazer uma seleção dos clássicos mais importantes, sejam eles da literatura, cinema, música, representatividade acadêmica ou erudita, são definitivamente obras inesquecíveis, admiradas de geração após geração.

Então, qual é o segredo por trás da longevidade e influência desses clássicos?



Uma das principais razões para a sobrevivência dos clássicos é a universalidade dos temas abordados. Questões como amor, amizade, coragem, busca por sentido, conflitos internos e sociais são recorrentes e atravessam o tempo, conectando pessoas de diferentes épocas e culturas.

Os clássicos são reconhecidos, em geral, por sua excelência artística e técnica. Seja no uso inovador da linguagem, na construção de personagens profundos, ou em composições musicais marcantes, essas obras estabelecem padrões elevados de criatividade e execução. Essa qualidade faz com que sejam constantemente revisitadas, estudadas e admiradas. Assim, mantêm-se presentes no imaginário coletivo e continuam a dialogar com o mundo contemporâneo, agradando a todos os demais tipos de leitores.

Por que ler os clássicos.

O título acima é do livro de autoria do escritor cubano-italiano Italo Calvino, publicado postumamente em 1991 e que acabou por se tornar ele próprio um clássico. Reunindo ensaios produzidos ao longo da última fase da sua carreira de crítico literário, a obra determina um marco fundamental na história da cultura contemporânea. Ademais... “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.



Passados exatos 30 anos, verificamos que a obra de Calvino, quanto mais o tempo passa, mais atual e necessária ela se torna. Esse fenômeno é atribuído ao fato de que, nas últimas décadas do século XX, quando a internet e a inteligência artificial se encontravam em seus primeiros desenvolvimentos, a marginalização da literatura clássica por parte do público já era um fenômeno notável. Atualmente, em um mundo sob a influência de smartphones e redes sociais, essa marginalização se consolidou, ocasionando impactos significativos não somente no âmbito educacional, mas também na cultura e em nossa civilização.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/02/2026”

É fundamental que educadores, pesquisadores, estudiosos, percebam a importância de trazer os clássicos para o processo de formação acadêmica, social e pessoal, pois, como ensina Calvino, eles são não só o meio de “entender quem somos”, mas também de saber “quem queremos ser” e por “onde devemos ir.” Dai, a literatura clássica ser considerada fundamental e importante dentro de uma determinada cultura ou período histórico.



Obras literárias clássicas de autores como Shakespeare, Dostoiévski e Homero continuam relevantes no mundo tecnológico porque abordam temas universais e atemporais da condição humana, que ressoam independentemente da época ou do avanço da tecnologia. Das principais razões pelas quais os clássicos permanecem relevantes é a universalidade de seus temas. Obras como

“Romeu e Julieta” tratam do amor, do conflito e da tragédia, questões que continuam a ser parte da vida humana. A luta entre o amor e as expectativas sociais é um tema atemporal que ainda se manifesta nas relações contemporâneas.



Os grandes clássicos nunca saem de moda porque são atemporais, universais e capazes de tocar diferentes gerações. Seja por sua qualidade, relevância temática ou ligação afetiva, eles permanecem vivos e influentes, mostrando que certas obras transcendem o tempo e se tornam parte fundamental do patrimônio cultural da humanidade. Em suma, embora a tecnologia mude as ferramentas que usamos para viver e contar histórias, as obras clássicas continuam a nos lembrar do que significa ser humano.

"O Café Passagem" - Capítulo 6: A Origem do Dom

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR



Capítulo 6 - A Origem do Dom
Quinze anos antes

Daniel tinha doze anos quando o mundo mudou para sempre.

Era um sábado chuvoso de abril, e ele estava no sótão da casa do avô Henrique, procurando livros antigos para um trabalho escolar. O velho casarão cheirava a naftalina e memórias, com suas vigas de madeira escura e janelas que filtravam a luz cinzenta da tarde.

Foi atrás de uma pilha de enciclopédias empoeiradas que ele encontrou o baú.

Não era grande — do tamanho de uma caixa de sapatos — mas havia algo nele que chamava atenção. A madeira escura estava entalhada com símbolos que Daniel não reconhecia, e uma fechadura antiga, sem chave, mantinha a tampa selada.

— Vovô! — gritou Daniel, descendo as escadas com o baú nas mãos. — O que é isto?

Henrique estava na cozinha, preparando seu chá da tarde com a precisão ritual de quem havia feito o mesmo gesto milhares de vezes. Quando viu o baú, suas mãos tremeram, e a xícara quase escorregou.

— Onde encontrou isso? — perguntou, a voz subitamente grave.

— No sótão. Estava escondido atrás dos livros.

O avô se sentou pesadamente na cadeira da cozinha, como se o peso dos anos tivesse dobrado em segundos.

— Sente-se, Daniel. Há coisas que preciso

te contar.

Daniel obedeceu, colocando o baú sobre a mesa. Henrique o observou por um longo momento, como se estivesse vendo um fantasma.

— Este baú pertenceu ao meu avô, e ao avô dele antes disso. Nossa família... nossa família tem uma peculiaridade, Daniel. Algo que passa de geração em geração, saltando algumas pessoas, escolhendo outras.

— Que tipo de peculiaridade?

— A capacidade de ver além do presente. De escrever sobre coisas que ainda não aconteceram.

Daniel riu, pensando que o avô estava brincando.

— Como nos filmes de ficção científica?

— Não é ficção, menino — Henrique disse seriamente. — Eu tive essa capacidade dos quinze aos quarenta anos. Meu bisavô também. E agora... agora talvez seja sua vez.

— Isso é impossível, vovô.

— É? — Henrique se levantou e foi até uma gaveta, de onde tirou uma chave pequena e antiga. — Vamos descobrir.

A chave se encaixou perfeitamente na fechadura. Quando o baú se abriu, Daniel viu dezenas de cadernos, todos com capas de couro escuro, organizados cronologicamente. Henrique pegou o mais antigo.

— Este é de 1943 — disse, abrindo numa página marcada. — Escrevi sobre o fim da Segunda Guerra, dois anos antes de acontecer. Aqui — virou algumas páginas — sobre a morte do presidente Vargas, em 1954. Escrevi em 1952.

Daniel olhou as páginas amareladas, cobertas pela caligrafia cuidadosa do avô. Os detalhes eram específicos demais para serem coincidência.

— Como?

— Não sei como, Daniel. Só sei que acontece. Você sente, pega uma caneta, e as palavras vêm. Como se você estivesse lembrando de algo que ainda não viveu.

— E por que parou?

Henrique sorriu com melancolia.

— Porque conheci sua avó. No dia em que me apaixonei por ela, as visões pararam. Como se o amor tivesse me ancorado no presente.

Daniel tocou um dos cadernos mais recentes.

— E você acha que eu...?

— Há sinais — Henrique disse. — Você sempre soube quando ia chover, mesmo com o céu limpo. Sempre escolhia o caminho certo

quando nos perdíamos. Pequenas coisas, mas sinais.

Era verdade. Daniel sempre tivera uma intuição estranha sobre eventos futuros, mas nunca havia pensado nisso como algo sobrenatural.

— O que devo fazer?

— Nada, por enquanto. Se o dom vier, virá naturalmente. Mas Daniel... — o avô segurou suas mãos — se isso acontecer, lembre-se: é um presente e uma maldição. Você verá coisas maravilhosas e coisas terríveis. E nem sempre poderá mudá-las.

Três dias depois, Henrique morreu dormindo.

Daniel estava na escola quando recebeu a notícia. Voltou para casa em estado de choque, e foi direto para o quarto do avô, onde o baú ainda estava sobre a mesa.

Pegou um caderno em branco e uma caneta, mais por impulso que por intenção. Sentou-se, sem saber por quê, começou a escrever:

"O funeral será na quinta-feira. Choverá durante o enterro, mas o sol aparecerá quando baixarem o caixão. Tia Carmen usará o vestido azul-marinho e chorará mais que todos. Miguel ficará ao meu lado, segurando minha mão."

Daniel parou de escrever, assustado com as próprias palavras. De onde haviam vindo? Por que havia escrito sobre chuva quando a previsão era de sol?

Na quinta-feira, tudo aconteceu exatamente como ele havia escrito.

Presente

Daniel acordou na terça-feira com a memória do avô vívida na mente, como se tivesse sonhado com ele a noite inteira. Fazia anos que não pensava nos detalhes daquele primeiro dia, quando o dom se manifestara.

Levantou-se e foi até o armário, onde guardava os cadernos antigos do avô junto com os seus próprios. Pegou o primeiro caderno que havia usado, ainda adolescente, e releu as primeiras páginas.

As previsões eram simples no início: resultados de jogos, mudanças no tempo, pequenos eventos familiares. Com o passar dos anos, haviam se tornado mais complexas, mais específicas. E então, três anos atrás, havia começado a escrever sobre Luísa.

Agora, olhando para as páginas em branco de

seu caderno atual, Daniel se perguntava se estava seguindo o mesmo caminho do avô. Henrique havia perdido o dom quando se apaixonou. Seria isso que estava acontecendo com ele?

O telefone tocou, interrompendo seus pensamentos.

— Daniel? — Era a voz de Luísa. — Desculpe ligar tão cedo. Sei que marcamos para nos ver só à noite, mas...

— Mas?

— Tive um sonho estranho. Sonhei com um homem idoso que dizia ser seu avô. Ele me mostrava cadernos antigos e dizia que eu precisava entender de onde vinha seu dom.

Daniel sentiu um arrepio percorrer a espinha.

— Como era ele no sonho?

— Alto, cabelos brancos, olhos iguais aos seus. Usava um colete de lã marrom e cheirava a tabaco de cachimbo.

A descrição era perfeita. Henrique sempre usava aquele colete, e o aroma de tabaco era sua marca registrada.

— Luísa — Daniel disse, a voz tremendo — você acabou de descrever meu avô Henrique. Ele morreu quando eu tinha doze anos.

Silêncio do outro lado da linha.

— Isso é impossível — ela sussurrou.

— Você pode vir aqui? Há coisas que preciso te mostrar. Coisas sobre minha família, sobre como tudo começou.

— Estou indo.

Uma hora depois, Luísa estava sentada no sofá de Daniel, folheando os cadernos antigos de Henrique. Suas mãos tremiam levemente enquanto lia as previsões que haviam se tornado realidade décadas antes.

— Meu Deus, Daniel. Isso é... isso é real.

— Sempre foi. Meu avô me contou sobre nossa família três dias antes de morrer. Disse que o dom passava de geração em geração, mas nem sempre para todos.

— E você desenvolveu a habilidade depois que ele morreu?

— No mesmo dia. Como se ele tivesse me passado alguma coisa, ou como se a morte dele tivesse despertado algo que já estava lá.

Luísa fechou o caderno e olhou para Daniel.

— Ele disse mais alguma coisa no meu sonho.

— O quê?

— Que o dom não é uma maldição, mas uma preparação. Que você passou quinze anos vendo o futuro para estar pronto quando o presente realmente importasse.

Daniel sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Ele sempre dizia que o amor havia o ancorado no presente. Que foi por isso que perdeu as visões quando conheceu minha avó.

— E agora está acontecendo com você.

— Parece que sim.

Luísa se aproximou e segurou as mãos dele.

— Daniel, posso te fazer uma pergunta que talvez seja difícil?

— Claro.

— Você sente falta? Do dom, das visões?

Daniel pensou cuidadosamente antes de responder.

— Sentia. Nos primeiros dias, me sentia perdido, como se tivesse perdido uma parte de mim mesmo. Mas agora... — ele olhou nos olhos dela — agora percebo que talvez tenha ganhado algo muito mais valioso.

— O quê?

— A capacidade de me surpreender. De viver cada momento sem saber o que vem depois. E principalmente... — ele tocou o rosto dela suavemente — a possibilidade de construir um futuro junto com alguém, em vez de simplesmente observá-lo acontecer.

Luísa sorriu, e Daniel viu naquele sorriso algo que nenhuma visão jamais havia lhe mostrado: a promessa de um futuro que eles escreveriam juntos, uma página em branco de cada vez.

— Seu avô estava certo — ela disse. — O amor realmente ancora no presente.

— E você? — Daniel perguntou. — Não tem medo de estar com alguém que vem de uma família tão... estranha?

— Tenho medo de muitas coisas — Luísa admitiu. — Mas de você, não. De nós, não. Porque pela primeira vez na vida, o futuro não me assusta. Ele me emociona.

E naquele momento, Daniel soube que o avô estava certo. O dom havia sido uma preparação, uma forma de esperar pelo momento certo, pela pessoa certa. Agora que havia encontrado Luísa, não precisava mais ver o futuro.

Precisava apenas vivê-lo.

CONTINUA... 7º Capítulo

CULTURA

Brasil À Mesa: Como A Culinária Preserva Nossa Identidade



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

"Cada prato é um capítulo da história do Brasil, um encontro de sabores, memórias e pertencimento."

Arte, a ciência e a cultura estão presentes na Gastronomia, na preparação, na apresentação e apreciação de alimentos e bebidas. Vai além do ato de cozinhar, por haver necessidade de conhecer ingredientes, técnicas culinárias, tradições culturais, a química dos alimentos, principalmente em relação a comida e a saúde. Como também está ligada à sustentabilidade e inovação, pois incentiva o uso responsável de recursos naturais e consequentemente a diversidade alimentar, com sabores que envolvem tanto o paladar quanto os sentidos visuais e olfativos.

Segundo os historiadores, a história da gastronomia inicia no período paleolítico, assim



que o Homem começou a caçar. Aos poucos, foi verificando a necessidade de complementar sua alimentação, produto da caça, pelos alimentos advindos da agricultura, além de adicionar certos ingredientes para sua conservação, quando levavam seus alimentos para outros lugares. Logo foram percebendo que a associação de certas ervas lhes exaltava o sabor e permitia melhor aceitação. Assim, eles aprenderam a temperar os alimentos, criando sabores, texturas, novos pratos e receitas.



A gastronomia é reconhecida como uma forma de expressão e preservação da cultura, por refletir a identidade, a história e as tradições de um povo, por manter viva a ancestralidade e o senso de pertencimento. Cada culinária transmite uma história singular, um estilo de vida, valores e crenças, cujos pratos e receitas atravessam gerações, refletindo a riqueza e a diversidade de uma região.

No Brasil, de norte a sul, por exemplo, a cultura alimentar é um reflexo da identidade cultural e da convivência entre diversos povos. Cada prato revela o retrato do país, não só pelo sabor, mas também pelas histórias e tradições que cada prato carrega.

Pratos como feijoada, pão de queijo, acarajé, moqueca e tantos outros, refletem a pluralidade étnica, geográfica e histórica do Brasil, cuja população é formada por indígenas, africanos,

europeias e imigrantes de diversas partes do mundo. Essa mistura de culturas, faz com que a cultura alimentar seja um terreno fértil para o desenvolvimento de uma gastronomia plural e única.



A cultura alimentar das regiões do Brasil, vai além do tradicional arroz com feijão. Cada parte do Brasil tem suas próprias receitas e ingredientes típicos devido a geografia, clima e tradições locais.

Na região norte, a culinária é caracterizada pela biodiversidade da Amazônia e pelos ingredientes indígenas. Alguns pratos típicos são: Maniçoba, feita com folha da mandioca; Tacacá, sopa com tucupí, camarão e jambu; Peixe frito com farinha de mandioca; Peixes de água doce, como o tambaqui e o pirarucu; Frutas tropicais, como o cupuaçu, açaí e bacaba.



As influências africanas e indígenas caracterizam a tradição culinária da região Nordeste, como: a Feijoada; o Baião de dois, feito

com feijão verde e arroz; Carne de sol; Acarajé; Moqueca baiana; Vatapá; e a Tapioca, são alguns pratos e receitas da região.



Na região Centro-Oeste, os pratos são à base de carnes, especialmente a carne de boi e uso de ingredientes típicos, como o Arroz com pequi; Galinhada e Frango com pequi, fruto típico do cerrado.



A culinária da região Sudeste, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, é marcada por influências indígenas, portuguesa, italiana, alemã e Japonesa. Os pratos mais representativos dessa culinária são: Feijão tropeiro; Pão de queijo; Virado à paulista, Cuscuz paulista; Pastel de feira, além de queijos e doces caseiros, como o Doce de Leite e Goiabada, tradicionais da gastronomia mineira.

A cozinha da região Sul tem influência dos imigrantes italianos, alemães e poloneses. Entretanto os pratos que mais se destacam são o da culinária gaúcha como o churrasco, além do chimarrão, infusão de erva-mate, um costume dos povos indígenas da região.



Vimos, portanto que o patrimônio de uma comunidade, não é o constituído apenas por monumentos e objetos representativos de uma tradicional cultura, mas também de expressões, conhecimentos e manifestações sociais como as práticas gastronômicas.



GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



Capítulo 5º - Ecos que Permanecem

O apartamento no Bixiga foi esvaziado uma semana depois. O proprietário, Sr. Benedito, um homem idoso que havia herdado o prédio do pai, ficou perplexo ao descobrir que o inquilino do 3B havia morrido. Segundo seus registros, o apartamento estava vago há cinco anos.

— Mas eu via luz nas janelas — insistiu ele ao advogado responsável pelo inventário.

— Às vezes ouvia passos no corredor.

Quando abriram o apartamento, encontraram algo inexplicável: prateleiras vazias cobrindo todas as paredes, como se tivessem guardado uma vasta coleção que simplesmente havia desaparecido. O chão estava coberto por uma fina camada de poeira em formato de círculos perfeitos, como se milhares de objetos pequenos e redondos tivessem repousado ali por anos antes de se dissolverem no ar.

Os novos inquilinos — um jovem casal com um bebê — nunca souberam que as prateleiras vazias haviam guardado uma biblioteca de silêncios. Marina, de vinte e oito anos, professora de literatura, e Roberto, de trinta, engenheiro civil, se mudaram no início de março, atraídos pelo preço baixo e pela localização central.

— Tem algo estranho neste lugar — disse Marina na primeira noite, embalando a pequena Sofia, de seis meses. — É como se as paredes tivessem memória.

Roberto riu, atribuindo o comentário ao cansaço da mudança. Mas nas semanas seguintes, ele também começou a notar peculiaridades. O apartamento tinha uma acústica estranha — suas vozes ecoavam de forma diferente em cada cômodo, como se o espaço estivesse sintonizado para captar nuances específicas da fala humana.

Às vezes, nas madrugadas mais quietas, eles juram ouvir sussurros vindos das paredes. Palavras que quase se formam, quase ganham vida, quase encontram voz. Marina, com sua sensibilidade literária, começou a anotar os fragmentos que conseguia distinguir:

"Perdão..." "Te amo..." "Obrigado..."

"Não vá..."

— São como poemas incompletos — disse ela a Roberto, mostrando as anotações.

— Como se alguém tivesse deixado uma biblioteca inteira de coisas não ditas.

A pequena Sofia parecia especialmente sensível aos sussurros. Frequentemente, ela acordava no meio da noite e ficava olhando fixamente para as paredes, como se estivesse ouvindo algo que os adultos não conseguiam perceber. Às vezes, ela estendia as mãozinhas em direção ao ar, como se tentasse pegar palavras invisíveis que flutuavam pelo quarto.

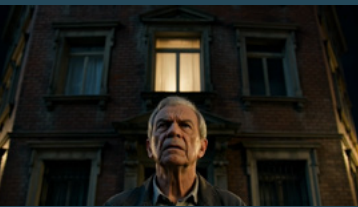
Uma noite, Marina acordou e encontrou a filha sentada no berço, sussurrando algo que soava como "perdão" repetidas vezes. A criança ainda não havia pronunciado sua primeira palavra oficial, mas ali estava ela, articulando com perfeição uma palavra que parecia carregar o peso de décadas.

— Roberto — chamou Marina, assustada.

— Venha ver isso.

Quando Roberto chegou ao quarto, Sofia havia parado de falar e dormia profundamente, mas o ar ainda vibrava com o eco de sua voz infantil pronunciando aquela palavra impossível.

CONTINUA....



@poetajbwolf

CULTURA



Da cultura material à digital: o desafio de manter-se humano em tempos de virtualização



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

compartilhamos e reconhecemos o que é “nosso” enquanto sociedade. Do mesmo modo que os iluministas entre os séculos XVI e XVIII desejavam organizar todo o conhecimento humano, listando tudo o que existia nas enciclopédias, sites de busca da internet intencionam indexar tudo o que se sabe. Mais do que a missão da empresa Google, de ter em sua base de dados tudo o que existe de conhecimento na atualidade, este é o desejo principal do homem, o de deter o máximo de informações a fim de acessá-las sempre que necessário. Esse desejo de saber o máximo possível, somado à rapidez dos contatos de comunicação, conduziu a um processo de virtualização bastante acelerado. A pergunta que é: que valor têm os objetos materiais e as relações interpessoais presenciais apesar da virtualização?

A civilização humana, desde suas origens, construiu sua memória sobre suportes materiais: pedras gravadas, papíros, livros, instrumentos, objetos de arte e os documentos manuscritos, tão caros à História. Esses bens concretos, além de armazenar conhecimento, eram pontes simbólicas entre gerações. Com a ascensão do digital, essa base se desloca para nuvens, telas e dados, de modo a transformar nossa percepção de memória, pertencimento e autenticidade.

Entretanto, esse deslocamento traz dilemas, tanto ao conteúdo informacional quanto à qualidade das relações entre os seres humanos. A cultura digital, marcada por velocidade e conectividade, produz também uma sensação de efemeridade e de distanciamento. Obras, ideias e conteúdos circulam em ritmo vertiginoso, muitas vezes perdendo o contexto e a profundidade que lhes conferiam sentido. Do mesmo modo, as relações sociais tornam-se mais fluidas e menos duradouras. A superficialidade torna-se risco iminente quando a fruição exige apenas um toque ou deslizar de dedos. A autenticidade, antes garantida por um livro antigo ou instrumento artesanal, precisa agora ser reinterpretada num ambiente em que tudo pode ser copiado e forjado por IA instantaneamente.

Ademais, o que antes dependia de deslocamento físico ou de acesso restrito agora está disponível globalmente. Seja em plataformas como o MIT Open Culture, seja em projetos colaborativos da Revista Cult, há provas em todas as instâncias sociais de que a virtualização também pode gerar novas formas de coautoria e de reflexão, aproximando saberes e culturas diversas.

Grosso modo, uma vez que o tema necessita de muitos debates profundos, entende-se que o desafio contemporâneo é manter o equilíbrio. Garantir o sentido cultural em tempos de virtualização exige que usemos o digital não como substituto, mas como extensão da experiência humana na construção de seu conhecimento. Afinal, a curadoria e seleção de informações é sempre feita pelo humano.

Por fim, se a tradição é a memória viva de um povo, é vital que se atribua à cultura digital o papel de reinventar essa memória sem a esvaziar, a fim de que, mesmo entre pixels, o significado das relações humanas permaneça real.

“A memória humana já não habita só em pedras e papel, mas como preservar sua essência entre pixels e nuvens?”



“Pierre Lévy in 2021 - Foto Publicação

Pierre Lévy, em *O que é virtual?*, datado de 1996, já apontava que o digital não anula o real, mas o redefine. Hoje, o arquivo físico dá lugar ao repositório virtual, como o Internet Archive, cuja missão é preservar a história da web antes que páginas e formatos desapareçam. Iniciativas como essa, ou como os esforços da Fundação Biblioteca Nacional em digitalizar acervos raros, mostram como é possível conciliar tradição e inovação, garantindo que o passado permaneça acessível às novas gerações.

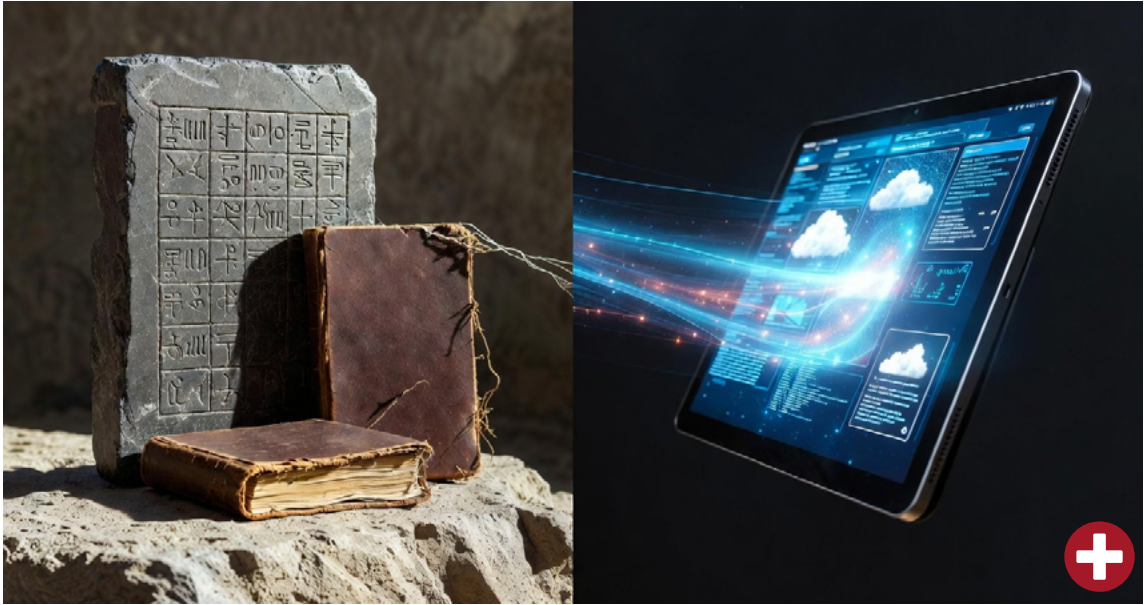


IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/02/2026”

Entendemos que mais expressiva para a comunicação humana que a criação da imprensa no final do século XV, tenha sido a passagem da cultura material à digital. O meio digital redefiniu o modo como guardamos,

FILOSOFIA

O Que Seria uma Educação Filosófica Ideal?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

"Educar não é preencher mentes, mas despertar corações para pensar com profundidade e agir com humanidade"



IMAGEM GERADAPORIA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/02/2026"



Educação filosófica ideal tem como foco principal o desenvolvimento do pensamento crítico, ético e reflexivo, contribuindo para uma formação humanista e transformadora, criando para gerações futuras um mundo melhor.

O mundo está doente, e a educação filosófica é uma esperança para um pensamento renovado e transformador. O “mundo doente” é uma expressão que vai além de pandemias. Estamos compreendendo este mundo como um cenário de doenças sociais, emocionais e ambientais, caracterizado por perda de valores, egoísmo, ganância, desrespeito à natureza. Seres humanos clamam por mais amor, compaixão, ética e reconexão com a essência humana e o planeta.

A filosofia ideal busca um homem cósmico, como refletem músicas, textos e reflexões de pensadores. Essa ênfase reforça a necessária educação que se preocupe com a sensibilidade e a ética, exigindo uma mudança paradigmática em todas as ciências.

“As melhores e as mais lindas coisas do mundo não se podem ver nem tocar. Elas devem ser sentidas com o coração. Até os planetas se chocam. E do caos nascem as estrelas. Não se mede o valor de um homem pelas suas roupas ou pelos bens que possui, o verdadeiro valor do homem é o seu caráter, suas ideias e a nobreza dos seus ideais”. (Charles Chaplin.)

O ideal filosófico na educação nos convoca à escuta, reflexão, ao resgate de valores que nos permitam viver melhor. Uma visão de uma ideal educação filosófica que ligue ambos os hemisférios cerebrais: é necessária uma sinergia entre o racional e o intuitivo, o analítico e o sintético, o racional e o poético, não se limitando à transmissão de conhecimentos. Enfim, o professor atua como mediador do conhecimento, estimulando o pensamento independente e o respeito às diferenças com uma postura colaborativa, transformando a experiência de aprendizagem em um processo de descoberta,

reflexão e construção de conhecimento relevante e significativo.



O pragmatismo excessivo na educação contemporânea tende a priorizar habilidades práticas e utilitárias em detrimento da formação humanista e do pensamento crítico aprofundado, focando primariamente em resultados mensuráveis e na adequação ao mercado de trabalho. A educação deverá, então, levar o ser humano a resgatar suas asas, sem perder suas originalidades. Voa e descobre o aprender a aprender, a fazer, a conviver, e aprender a ser, com a consciência de ser uno em permanente transformação.

O desafio da educação contemporânea é encontrar um equilíbrio que integre a relevância prática e a aplicabilidade do conhecimento com

a profundidade teórica e a formação humanista, garantindo que os estudantes sejam cidadãos críticos e não somente mão de obra qualificada.

O método “Socrático”, o “Trivium” se opõem ao pragmatismo exagerado. Exaltar o pensamento crítico, a procura pela sabedoria e a educação ética completa, é o foco. O Trivium um método de educação clássica estruturado em três fases distintas que refletem o desenvolvimento cognitivo natural da criança (gramática, lógica e retórica) oferece as “ferramentas de aprendizado” indispensáveis para uma compreensão holística, na qualidade de seres pensantes, em oposição a currículos pragmáticos que segmentam o saber em competências específicas.

Reflexões finais

A educação filosófica ideal valoriza o ser humano em sua capacidade de pensar em plenitude e o processo de humanização.

Sócrates já dizia: “Encontro-me no conhecimento de uma única ciência: a do amor.” É um processo de lapidação. É a educação filosófica afirmando a nossa transcendentalidade. O filósofo grego acreditava que a verdade não se impõe, ela se constrói no processo de

investigar ideias, reconhecer contradições e buscar coerência.

Sócrates dizia: “só sei que nada sei, e o fato de saber isso, me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa”.



Em resumo, a educação filosófica ideal transcende o ensino tradicional, focando na formação de cidadãos mais conscientes, reflexivos e capazes de navegar em um mundo complexo em constante mudança; aprendendo ao longo da vida”, ou Lifelong Learning, sendo a prática de buscar conhecimento e desenvolvimento de forma contínua e voluntária.

VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

FILOSOFIA

O Papel da Filosofia na Preservação da Democracia Ocidental



Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Professor, graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceular - Campus de São José do Rio Preto - SP. Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosario - Argentina.

@clayton.zocarato

FILOSOFIA

"Democracias não desmoronam por falta de dados, mas por falta de juízo."



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/02/2026"

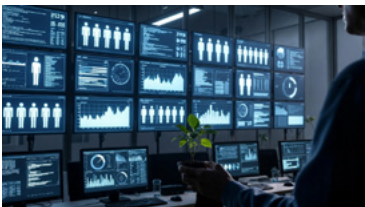
A democracia ocidental não está em crise por falta de tecnologia, dados ou eficiência administrativa. Ela está em risco porque desaprendemos a pensar criticamente sobre poder, sentido e responsabilidade coletiva.

É aqui que a filosofia deixa de ser um luxo acadêmico e volta a ser aquilo que sempre foi: uma ferramenta de sobrevivência política. Desde Platão e Aristóteles, a filosofia ocidental nasce vinculada à pergunta fundamental sobre quem deve governar e com base em quais valores. Platão já alertava que democracias sem formação ética degeneram em tiranias emocionais; Aristóteles defendia que a política só é justa quando orientada ao bem comum, não aos interesses privados. Séculos depois, Kant reforça que a democracia exige cidadãos autônomos, capazes de pensar por si mesmos, enquanto Hannah Arendt expõe o perigo da banalização do mal em sistemas tecnoburocráticos que substituem o juízo moral por protocolos e ordens. Do lado oriental, pensadores como Confúcio e Lao-Tsé oferecem um contraponto essencial à obsessão ocidental por controle.

Confúcio associa governança à virtude, não à coerção: um Estado só é legítimo quando seus líderes cultivam responsabilidade moral. Lao-Tsé, ao propor o wu wei (agir sem forçar), critica estruturas excessivamente rígidas e hierárquicas, lembrando que sistemas vivos, sociais ou natu-

rais, entram em colapso quando sufocados por controle técnico desumanizado. Já o budismo, especialmente em Nagarjuna, ensina a interdependência: nada existe isoladamente, muito menos a política em relação ao ecossistema e às relações humanas.

Ignorar essas lições filosóficas nos levou à tecnoburocracia contemporânea: governos altamente especializados, eficientes em números, mas cegos em valores. A política virou gestão; o cidadão virou dado; o futuro virou planilha. Nesse cenário, decisões sobre meio ambiente, gênero e inclusão são tratadas como "pautas identitárias" ou "custos econômicos", quando na verdade são questões estruturais de sobrevivência democrática. Uma democracia que destrói seu ecossistema compromete sua própria continuidade. Uma democracia que silencia corpos dissidentes corrói sua legitimidade desde dentro.



O materialismo é suficiente para explicar toda a realidade?



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica-Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),

@fontenellemagna

Se a realidade fosse apenas matéria, peso e extensão, Dom Quixote seria apenas um fidalgo delirante atacando estruturas de madeira movidas pelo vento. No entanto, ele cavalga não apenas pelos campos de La Mancha, mas pela paisagem interior da humanidade. E é justamente nesse quesito que o materialismo encontra seu limite: nem tudo o que é real pode se medir.

Quixote tem os livros como algo muito sério e, ao fazê-lo, revela uma dimensão da existência que sobrevive além do puro materialismo. Ao enfrentar moinhos como gigantes, ele não erra por ignorância sensível; seus olhos veem o mesmo que os demais.

Seu "equivoco" surge entre a fidelidade e um ideal. Há algo na realidade que não se reduz à matéria: o valor, o sentido, o propósito. Sua loucura, por vezes, é uma forma radical de lucidez pois denuncia a pobreza de um mundo que já não acredita na grandeza humana.

Sancho Pança representa o contrapeso: o corpo cansado, o pão partilhado, o chão sob os pés. Ele encarna aquilo que o materialismo reconhece com facilidade, o concreto, o útil, o imediato. Contudo, mesmo Sancho não vive só de matéria. Ele permanece ao lado do cavaleiro, movido por esperança, lealdade e expectativa de ilhas prometidas.

Seu realismo não é puramente físico; é humano. Aristóteles já intuía que a virtude nasce

do equilíbrio, e Cervantes dramatiza essa verdade ao unir sonho e terra numa mesma jornada.

Séculos depois, Kafka radicaliza a tensão. Em seus romances, o mundo é opaco, burocrático, avassalador. Josef K. e o agrimensor não enfrentam ilusões, mas sistemas materiais e impessoais que operam como máquinas.

No entanto, seu sofrimento não é apenas físico, é existencial. O que os atormenta não é a matéria, mas a ausência de significado. O materialismo pode descrever o tribunal, o castelo, os corredores; mas não explica a angústia que corrói seus personagens.

Nietzsche desconfiaria tanto do materialismo estreito quanto das ilusões consoladoras. Para ele, a realidade inclui forças, vontades, interpretações. O mundo não é apenas uma coisa, é uma disputa de significados.

Dom Quixote, nesse sentido, não é um fracasso da matéria, mas uma afirmação da vida contra a banalidade. Ele cria valor onde o mundo oferece indiferença.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/02/2026"

Camus, por sua vez, reconheceria que o universo pode ser silencioso, mas o homem não é Sísifo, empurrando sua pedra, e Quixote, brandindo sua lança, são respostas humanas a um mundo que não fornece respostas prontas. O absurdo não é explicado por átomos; nasce do encontro entre a consciência e o silêncio do cosmos.

Então, a questão nos é repentinamente colocada novamente: o materialismo é suficiente para explicar toda a realidade? Ele descreve a estrutura dos moinhos, mas nada do heroísmo do cavaleiro e nos relata sobre o funcionamento da corte, mas nada sobre o desespero do acusado.

Explica o corpo de Sancho, mas não sua amizade.

A realidade humana é feita de matéria, mas também de imaginação, valores, angústia e esperança. Reduzir isso ao físico é ignorar o que nos move mais profundamente, o espiritual.

Talvez sejamos, ao mesmo tempo, Quixote e Sancho: corpo e sonho, chão e horizonte. E talvez a realidade plena não seja apenas o que pesa, mas também o que significa.



HISTÓRIA

A Peste Negra: A Epidemia que Reconfigurou a Europa

HISTÓRIA

- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação



"A epidemia que devastou a Europa entre 1347 e 1353, matando de um terço a quase metade da população do continente"



No meio do século quatorze, a Europa foi tomada por uma doença tão rápida e letal que muitos acreditaram estar presenciando o fim do mundo. Entre 1347 e 1353, a peste negra matou algo entre 25 e 50 milhões de pessoas, possivelmente de um terço a quase metade da população europeia da época. Ruas foram esvaziadas, cemitérios não davam conta dos corpos e famílias inteiras desapareceram em poucos dias. Mais do que uma tragédia sanitária, a peste negra foi um abalo profundo na forma como os europeus organizavam a sociedade, encaravam a fé e compreendiam a própria fragilidade.



A causa da doença, que era completamente desconhecida para os contemporâneos, hoje é atribuída à bactéria *Yersinia pestis*. Esse microrganismo circulava em um ciclo que envolvia pulgas e roedores, especialmente ratos. O mundo do século quatorze estava longe de ser isolado. Rotas comerciais intensas conectavam a Ásia Central, o Oriente Médio e o Mediterrâneo. Em caravanas terrestres e, principalmente, em navios carregados de mercadorias, viajavam

também ratos infestados de pulgas infectadas. Escondidos nos porões e entre os fardos de carga, esses animais desembarcavam discretamente nos portos, levando consigo a bactéria que em pouco tempo incendiaria o continente.

Os primeiros registros de surtos de peste na Europa ocorrem em 1347, em portos como Messina, na Sicília, e em cidades prósperas como Gênova e Veneza. A partir dessas portas de entrada, o contágio avançou para o interior, acompanhando as rotas de comércio e circulação de pessoas. Em poucos anos, a doença já havia atingido a França, a Península Ibérica, os territórios germânicos e as ilhas britânicas. Cronistas relatam que algumas comunidades aparentemente saudáveis podiam perder uma parte significativa de seus habitantes em questão de semanas. A alta densidade populacional nas cidades, a falta de saneamento e a total ignorância quanto ao mecanismo de transmissão criaram um cenário perfeito para a propagação rápida e descontrolada.



A imagem mais conhecida da peste negra está ligada à forma bubônica da doença. O nome vem dos bubões, inchaços muito dolorosos dos gânglios linfáticos, que surgiam principalmente na virilha, nas axilas e no pescoço. Os doentes apresentavam febre alta, calafrios intensos, fraqueza profunda e dores espalhadas pelo corpo. Em muitos casos, apareciam manchas escurecidas na pele, resultado de hemorragias internas, o que contribuiu para o nome peste negra. A morte podia ocorrer em apenas alguns dias após o início dos sintomas. Em certos surtos, surgiam também formas pneumônicas, em que os pulmões eram afetados e a transmissão passava a ocorrer pelo ar, tornando o contágio ainda mais veloz em ambientes fechados.



Sem noção de microbiologia, as populações medievais buscaram explicações em campos que hoje soam distantes da ciência. Muitos enxergaram a epidemia como castigo divino pelos pecados da humanidade. Igrejas lotaram, mas, ao mesmo tempo, a incapacidade do clero de deter a calamidade abalou a confiança em suas autoridades. Procissões de penitência cruzavam cidades, com grupos que se castigavam em público na tentativa de aplacar a ira de Deus. Outros procuravam causas na astrologia, em supostas conjunções desfavoráveis dos astros, ou

em ares corrompidos que deveriam ser evitados. Em meio ao medo e à desinformação, minorias passaram a ser culpadas. Comunidades judaicas foram acusadas de envenenar poços e conspiring contra cristãos, o que levou a perseguições, expulsões e massacres em diversos pontos da Europa.



O impacto demográfico da peste negra foi avassalador. Em algumas regiões, relatos mencionam aldeias inteiras abandonadas, casas vazias e campos que ficaram sem trabalhadores. A queda brusca da população provocou escassez de mão de obra e, como consequência, pressão ao aumento dos salários e melhora das condições para trabalhadores rurais e urbanos. Ao mesmo tempo, a produção de alimentos caiu, o que gerou crises de abastecimento e tensão social. Esse conjunto de efeitos contribuiu para enfraquecer estruturas feudais baseadas na sujeição rígida do camponês à terra e ao senhor. Em longo prazo, a epidemia abriu espaço para mudanças econômicas e sociais que ajudariam a empurrar a Europa para fora da Idade Média.

A experiência da peste também deixou marcas profundas na cultura. A presença constante da morte e a percepção de que a vida podia acabar em poucos dias alteraram a sensibilidade coletiva. Surgiram representações conhecidas como dança da morte, em que esqueletos conduziam pessoas de diferentes classes sociais rumo ao túmulo, indicando que nenhum status protegia do destino final. Essa

iconografia aparecia em afrescos, pinturas e manuscritos, reforçando a ideia de que a peste era um grande nivelador, capaz de atingir reis, religiosos e camponeses sem distinção. Ao mesmo tempo, a frustração com a incapacidade da Igreja de conter a tragédia ajudou a corroer a autoridade religiosa, antecipando, em parte, o terreno para reformas espirituais e críticas ao poder eclesiástico nos séculos seguintes.



Do ponto de vista da história da ciência, a peste negra funciona como um marco indireto. Durante séculos, a teoria dominante falava em miasmas, supostos vapores ou ares ruins que causariam doenças. Mesmo assim, a repetição de surtos em regiões com muitos ratos e condições precárias de higiene levou alguns observadores a desconfiar da relação entre sujeira, animais e enfermidades. Só no fim do século dezenove, porém, o médico Alexandre Yersin conseguiu isolar a bactéria responsável, que mais tarde seria batizada de *Yersinia pestis*. Essa descoberta, em conjunto com o avanço da teoria germinal das doenças, permitiu construir estratégias de combate mais eficazes, baseadas em controle de vetores, melhoria do saneamento e, já no século vinte, uso de antibióticos.

Apesar de hoje a peste ser uma doença tratável em grande parte dos casos, graças a antibióticos modernos e vigilância sanitária, o episódio do século quatorze continua a ecoar sempre que o mundo enfrenta uma nova epidemia. A combinação de circulação global

de pessoas e mercadorias, falhas de informação, respostas atrasadas e clima de medo não pertence apenas ao passado. A história da peste negra lembra que uma doença infecciosa pode alterar não só estatísticas de mortalidade, mas também caminhos políticos, modelos econômicos e imaginários culturais.

Mais de seis séculos depois, a peste negra permanece como um dos exemplos mais extremos de como um agente microscópico é capaz de redesenhar um continente. Ao olhar para aquele período, não se enxerga apenas uma sucessão de mortes, mas um conjunto de transformações que ajudou a desmontar estruturas medievais e abrir espaço para o surgimento de uma Europa diferente, mais urbana, mais comercial e gradualmente mais aberta à investigação científica. Revisitar essa história no presente é um lembrete contundente de que saúde pública, conhecimento e responsabilidade coletiva são pilares fundamentais para evitar que novos fantasmas façam o mundo, outra vez, acreditar que o fim está próximo.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/02/2026"



HISTÓRIA

A Grande Muralha de Gorgan: O Segredo Milenar do Dragão Vermelho do Irã

HISTÓRIA

- Leia o artigo completo no Site



Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

"Escondida na paisagem do Irã, uma muralha de tijolos vermelhos redesenha o mapa da engenharia militar antiga"

Esqueça tudo o que você pensa saber sobre grandes muralhas. No coração do Irã, uma colossal fortificação de tijolos vermelhos, tão vasta quanto misteriosa, emerge das areias do tempo para reescrever a história da engenharia militar antiga. Conhecida como o "Dragão Vermelho", a Grande Muralha de Gorgan não é apenas uma barreira física; é um testemunho esquecido de um império poderoso, uma maravilha arquitetônica que rivaliza com a famosa muralha chinesa e que, agora, finalmente revela seus segredos mais profundos. Prepare-se para uma jornada através de séculos de estratégia, engenhosidade e mistério que redefine o que sabemos sobre as defesas do mundo antigo.



A Grande Muralha de Gorgan: O Dragão Vermelho que Guardou a Pérsia e Reaparece para o Mundo

No vasto e enigmático território do Irã, uma estrutura monumental desafia a imaginação e reescreve capítulos da história antiga. Menos célebre que sua contraparte chinesa, mas igualmente impressionante em escala e engenhosidade, a Grande Muralha de Gorgan, carinhosamente apelidada de "Muralha Vermelha" ou "Dragão Vermelho" devido à tonalidade de seus tijolos, é uma das maiores construções defensivas da Antiguidade. Estendendo-se por quase 200 quilômetros através de planícies férteis e colinas ondulantes, desde as margens do Mar Cáspio até as montanhas de Alborz, esta fortificação colossal foi o baluarte do Império Sassânida, protegendo as ricas terras persas contra as incursões implacáveis de tribos nômades vindas das estepes do norte.



Por séculos, a Grande Muralha de Gorgan permaneceu envolta em relativo esquecimento, sua grandiosidade obscurecida pela passagem do tempo e pela falta de reconhecimento global. No entanto, nas últimas décadas, uma série de descobertas arqueológicas e estudos aprofundados têm trazido à luz a verdadeira magnitude e complexidade desta obra-prima da engenharia militar. Arqueólogos iranianos e britânicos, em uma colaboração frutífera, têm desvendado os segredos de sua construção, sua função estratégica e a vida das dezenas de milhares de soldados e civis que a habitaram.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/02/2026"



Um Legado Sassânida de Defesa e Inovação

A construção da Grande Muralha de Gorgan é atribuída principalmente ao Império Sassânida, que floresceu entre 224 e 651 d.C. Embora haja indícios de fases construtivas anteriores, possivelmente do período Parta, a maior parte da estrutura que vemos hoje foi erguida entre os séculos V e VI d.C. O propósito era claro e vital: conter a ameaça constante de povos como os Hunos Brancos (Heftalitas), que representavam um perigo existencial para a estabilidade e prosperidade do império. A muralha não era apenas uma barreira física; era um sistema defensivo integrado, projetado para abrigar guarnições militares permanentes e facilitar a resposta rápida a qualquer invasão.

A engenharia por trás da Muralha de Gorgan é um testemunho da sofisticação sassânida. Com uma extensão que varia entre 195 e 200 quilômetros, a muralha ostentava uma altura média de 6 a 10 metros e uma largura impressionante de 2 a 10 metros. Sua característica mais marcante são os milhões de tijolos de barro cozido, de coloração avermelhada, que lhe renderam seu apelido vívido. A argamassa, uma mistura robusta de cal e areia, garantia a durabilidade da estrutura.



Mas a muralha era apenas uma parte de um sistema muito maior. Ao longo de seu percurso, um fosso defensivo de 5 a 10 metros de largura e 2 a 4 metros de profundidade corria paralelamente, servindo como obstáculo adicional e fonte de material para os tijolos. Mais de 30 fortalezas maiores e cerca de 100 torres de vigia menores pontilhavam a paisagem, estrategicamente espaçadas para permitir a vigilância constante e a comunicação eficiente. Essas fortalezas não eram meros postos avançados; eram verdadeiras cidades-guarnição, com quartéis, casas, fornos e toda a infraestrutura necessária para sustentar uma força militar considerável.



A Vida na Fronteira: Descobertas que Falam

As escavações arqueológicas têm sido um portal para o passado, revelando detalhes íntimos sobre a vida na fronteira sassânida. Cerâmicas, ferramentas e vestígios de assentamentos dentro das fortalezas oferecem um vislumbre do cotidiano dos soldados e suas famílias. A logística da construção é igualmente fascinante: a descoberta de fornos de tijolos em larga escala próximos à muralha demonstra a capacidade de produção em massa e o planejamento meticuloso do império.



Um dos aspectos mais inovadores da Muralha de Gorgan é seu complexo sistema hidráulico. Canais e represas não apenas forneciam água potável para as guarnições, mas também podiam ser manipulados para inundar o fosso em pontos estratégicos, transformando-o em uma barreira intransponível. Essa maestria em engenharia hídrica, combinada com a disposição tática das fortificações, sugere um nível de planejamento militar que rivaliza com as grandes potências da época. Estima-se que a muralha poderia ter abrigado uma guarnição permanente de até 30.000 soldados, uma das maiores concentrações militares do mundo antigo.



Um Símbolo de Poder e um Desafio para o Futuro

A Grande Muralha de Gorgan não era apenas uma defesa física; era um poderoso símbolo do poder e da capacidade do Império Sassânida. Ela controlava o movimento de pessoas e bens, facilitava a coleta de impostos e servia como uma declaração imponente para amigos e inimigos. Seu legado militar é inegável, representando um dos exemplos mais sofisticados de engenharia defensiva da Antiguidade Tardia.

Hoje, a muralha enfrenta os desafios do tempo. A erosão natural, a atividade agrícola e o saque de materiais de construção causaram danos significativos. No entanto, há um esforço crescente para proteger e conservar este tesouro arqueológico. Equipes de conservação e autori-

dades iranianas trabalham incansavelmente para mapear, escavar e restaurar seções da muralha. A inclusão da Grande Muralha de Gorgan na lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO é um objetivo ativo, que traria maior visibilidade e proteção internacional a este sítio inestimável.



Ao lado da Grande Muralha da China, a Muralha de Gorgan emerge como uma imã na defesa, um testemunho da engenhosidade humana em proteger civilizações. Sua descoberta não é apenas um feito arqueológico; é um convite para reavaliar nossa compreensão da história, da engenharia e da resiliência dos impérios antigos. O "Dragão Vermelho" do Irã está finalmente pronto para contar sua história ao mundo, revelando um capítulo esquecido, mas crucial, da saga humana.

O Palco de Confrontos Épicos



Os principais adversários dos Sassânidas na fronteira norte eram as tribos nômades da Ásia Central, notadamente os Hunos Brancos, ou Heftalitas. Esses guerreiros, conhecidos por sua ferocidade e mobilidade, representavam uma ameaça constante às ricas províncias persas. A muralha de Gorgan era a primeira e mais formidável barreira. As batalhas não eram apenas cercos a fortalezas, mas também confrontos em campo aberto, onde a infantaria e a cavalaria sassânida, apoiadas pelas torres de vigia e pela capacidade de mobilização rápida, enfrentavam as hordas nômades.

As fortalezas ao longo da muralha, como Fort 2, que foi extensivamente escavado, eram mais do que simples postos de guarda; eram bases militares complexas, capazes de sustentar guarnições significativas. Os arqueólogos encontraram evidências de armas, armaduras e até mesmo restos mortais que sugerem a intensidade desses confrontos. A estratégia sassânida envolvia não apenas a defesa passiva, mas também a capacidade de lançar contra-ataques coordenados, utilizando a muralha como um ponto de partida seguro para suas forças. A comunicação rápida entre as torres, provavelmente por sinais de fumaça ou fogo, era crucial para alertar sobre a aproximação inimiga e coordenar a defesa.

Curiosidades Além do Campo de Batalha

Além das batalhas, a Grande Muralha de Gorgan guarda uma série de curiosidades que revelam a sofisticação e o cotidiano de seus construtores e defensores:

A "Muralha Vermelha" e seus Tijolos: A cor distintiva da muralha vem dos milhões de tijolos de barro cozido, produzidos em fornos gigantes localizados estrategicamente ao longo de sua extensão. A escala da produção de tijolos é uma maravilha da logística antiga, exigindo uma organização e mão de obra impressionantes.



A "Grande Muralha da China" do Ocidente: Embora menos famosa, a Muralha de Gorgan é a segunda maior muralha defensiva antiga do mundo, superada apenas pela Grande Muralha da China. Em alguns aspectos, como a densidade de fortes e a complexidade do sistema hidráulico, ela pode até ser considerada mais avançada para sua época.



Engenharia Hídrica Avançada: O sistema de canais e represas que acompanhava a muralha não era apenas para abastecimento de água. Ele permitia que os defensores inundassem o fosso em pontos estratégicos, criando uma barreira de água adicional que tornava a travessia ainda mais perigosa para os invasores.

A Vida dos Soldados: As escavações revelaram que as fortalezas eram pequenas cidades, com alojamentos para soldados e suas famílias, cozinhas, fornos e até mesmo áreas de lazer. A vida na fronteira era dura, mas os Sassânidas garantiam que suas tropas tivessem o suporte necessário para manter a moral e a eficácia.



Um Exército Escondido: Estima-se que a muralha poderia ter abrigado uma guarnição permanente de até 30.000 soldados, o que a tornaria uma das maiores concentrações militares do mundo antigo. Esse número impressionante sublinha a seriedade com que os Sassânidas encaravam a ameaça do norte.

O Mistério da Construção: Embora a maior parte da muralha seja sassânida, a datação por radiocarbono sugere que algumas seções podem ter sido iniciadas ainda no período Parta, indicando que a ideia de uma grande defesa na região era um projeto de longo prazo, atravessando diferentes impérios.

A Grande Muralha de Gorgan é, portanto, muito mais do que uma estrutura física. É um livro de história em tijolos, contando histórias de batalhas esquecidas, de engenheiros visionários e de um império que lutou para proteger seu legado. Suas curiosidades e ecos de confrontos continuam a fascinar, convidando-nos a desvendar os mistérios de um passado glorioso.

EDUCAÇÃO

Quando É Preciso Falar Sobre O Óbvio



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponete, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematicando a inclusão do estudante surdo”.

@sandraassantiago

"Num mundo que opera cirurgias à distância, ainda há crianças que não conseguem chegar à escola"



Parece tolice, nos dias atuais, se dedicar um espaço para discutir a Educação como direito de todos, mas, garanto que não o é. Em diversas partes do mundo, e também no Brasil, crianças e jovens estão privados do direito à educação. Nos discursos essa premissa

está amplamente difundida e reproduzida, mas, na prática, de fato, a educação não está garantida para todos.



Dados de um relatório da UNESCO, divulgados em 2024, portanto, muito recentemente, revelam que aproximadamente 251 milhões de crianças e jovens, em todo o mundo, ainda estão fora da escola e, grande percentual deles, nunca estudarão.

Por razões diversas, esta parcela bem significativa dos que se encontram no período mais propício à aprendizagem formal, não tem acesso a ela. Em alguns países, a guerra rouba esse direito, noutros, a miséria obriga crianças e jovens a abandonar a escola para trabalhar. Noutros, estudar ainda não é um direito das mulheres. Em algumas regiões, a escola não chega até os moradores do local, consequentemente, a distância e as dificuldades que elas representam, se transformam em obstáculos intransponíveis.

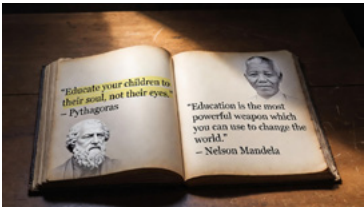
Nos perguntamos: como é possível que estejamos em 2026 e que testemunhemos tamanha contradição? De um lado, assistimos ao advento da ciência e da tecnologia gerando resultados e produtos inimagináveis há algumas décadas; enquanto de outro, vemos um direito básico negado, sem nenhum constrangimento.



Num tempo onde é possível realizar cirurgias à distância, explorar espaços siderais, produzir uma inteligência artificial, ainda, não protegemos os mais vulneráveis. Milhões de crianças e jovens são privados do direito de aprender e, são meninas, se possuem deficiências, e se são pretas, indígenas ou quilombolas, a situação piora sensivelmente.

A educação é pensada e defendida desde

épocas longínquas e muitos filósofos, pensadores, pedagogos e poetas, depositaram nela suas maiores apostas. Pitágoras, na Antiguidade clássica, já dizia que se educássemos as crianças, não teríamos necessidade de punir os homens, portanto, destacava o papel que a educação exerceria na construção de uma sociedade melhor. Mais recentemente, temos nas palavras do grande líder africano, Nelson Mandela, a valorização da educação como a arma mais poderosa que alguém pode usar para mudar o mundo.



Mas, a exclusão não ocorre somente quando não há escola; se dá ainda quando não há vagas suficientes para todos, como indica um levantamento feito pelo Unicef e pela Undime, divulgado em 2025, que aponta que, na Paraíba, mais de 30 mil crianças e jovens em idade escolar obrigatória, ou seja, entre 4 e 17 anos, estão fora da escola e que mais de 50% são meninas. E a situação piora quando as crianças e adolescentes da Paraíba são pretos, pardos e indígenas, pois o índice chega a 79% para esse público (UNICEF, 2024).

De fato, a educação é um bem essencial à condição humana. É através dela que nos humanizamos. A falta de educação gera a exclusão e esta é absolutamente perniciosa, pois, ao destituir alguém do direito à educação, o condenamos à marginalidade. Por sua vez, marginalizar é retirar a dignidade, promover a desesperança. Isso tem efeitos arrasadores, sobretudo, quando as vítimas são crianças e jovens, justamente aqueles a quem deveríamos cuidar, proteger, conduzir.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/02/2026”

Pais como Protagonistas no Processo Educacional dos Filhos



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicóloga Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

Há quem ainda acredite que educar é tarefa da escola. Que basta entregar o filho no portão e esperar que o milagre do aprendizado aconteça! É um equívoco cômodo, antigo e perigoso. A escola ensina, mas quem educa é a convivência.



A criança aprende muito antes de segurar o lápis. Aprende observando o tom de voz, o olhar, as reações. Aprende vendo como os adultos tratam o erro, o diferente, o tempo. A primeira lição vem do lar, e o primeiro livro que ela lê é a própria casa!

Pais protagonistas não são os que cobram tarefas, são os que se tornam presença. Presença de verdade, aquela que escuta, que pergunta, que se importa. A escola é parceira, não depósito. O aprendizado é um projeto coletivo, e o papel da família não é coadjuvante, é essencial!

Quando os pais se ausentam, o mundo assume a autoria e o mundo não é professor paciente. A pressa educa, o algoritmo educa, o silêncio educa. E educa mal. Quantas conversas deixaram de acontecer porque o cansaço falou mais alto? Quantas curiosidades se perderam porque não havia tempo? O tempo que falta é o mesmo que forma.

Educar dá trabalho, e trabalho de alma! É presença que se faz exemplo. O pai que lê, ensina o gosto pela leitura sem precisar pedir. A mãe que escuta, ensina empatia sem precisar explicar.

A criança vê tudo, sente tudo, e aprende no intervalo entre o que dizemos e o que fazemos.



Ser protagonista na educação dos filhos não é controlar, é inspirar. É participar das descobertas, vibrar com os erros e celebrar os acertos. É ensinar que aprender não é obrigação, é potência!



A escola pode oferecer asas, mas é a casa que dá chão. Nenhum conhecimento floresce em terreno árido. Sem afeto, o saber murcha. O professor pode acender a centelha, mas quem mantém o fogo aceso são os pais!

Talvez o maior desafio da educação contemporânea seja devolver aos pais o papel de protagonistas. Porque a tecnologia ensina procedimentos, mas não ensina humanidade. A escola instrui, mas quem educa o olhar, o gesto e o coração é a família.

Educar não é proteger do mundo, é preparar para ele. E preparação não se faz com discursos, mas com presença. Presença é amor que age, é tempo que se oferece, é palavra que sustenta.

Pais conscientes não são os que cobram notas, são os que cultivam perguntas. A criança que cresce cercada de diálogo aprende a pensar! E pensar é o início da liberdade.

O futuro da educação começa dentro de casa. É ali, entre um café e uma conversa, que se decide o que o mundo será amanhã. Educar é um ato de coragem, e coragem é a forma mais bonita de amor!



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/02/2026”

COMPORTAMENTO

Redes Sociais e a Busca Pelo Status Efêmero



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"Exibimos tudo para provar que existimos, mas o que sobra de nós quando o aplauso cessa?"



Hoje, ser não basta. É preciso exibir! Vivemos um tempo em que o brilho da aparência se confunde com a luz da presença. Cada gesto é calculado, cada instante é registrado, como se a vida só existisse quando confirmada pelo olhar alheio. Nunca fomos tão visíveis, e, paradoxalmente, nunca estivemos tão invisíveis!



As redes sociais transformaram o cotidiano em espetáculo. O "eu" virou vitrine, o sentir virou conteúdo, o instante virou performance! Publicamos tudo para provar que existimos, como se o silêncio significasse desaparecimento. E nessa ânsia de sermos vistos, esquecemos de nos enxergar.



Byung-Chul Han já alertava: vivemos a era da exposição, em que o sujeito se transforma em seu próprio produto. O elogio virou métrica, a intimidade, vitrine. Há mais autopromoção do que expressão, mais encenação do que encontro. Sherry Turkle chama isso de "solidão conectada": estamos cercados de vozes, mas carentes de presença real!

O status digital tornou-se a nova moeda



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/02/2026"

simbólica. Uma curtida vale um segundo de euforia, um comentário oferece o alívio de ser notado. Mas o efeito é curto, quase biológico. Passa rápido, e o vazio volta com mais fome! Buscamos, então, outra dose de aprovação, outro reflexo para preencher o espelho interno que nunca se satisfaz.

Zygmunt Bauman diria que vivemos numa modernidade líquida, onde até o afeto precisa de atualização constante. Nada fixa, tudo escorre. O amor, a opinião, o sucesso, o eu. O que era vínculo virou conexão instável, dependente da atenção do outro!

E o silêncio, esse território essencial do

pensamento, foi transformado em ameaça. Quem se cala parece sumir, quem não posta parece inexistir. O barulho digital é visto como sinal de vida. Mas o ruído não é presença, é fuga! O silêncio é onde o ser se reconcilia com o que é. Sem ele, restamos cansados, mesmo quando parecemos brilhantes.

O mais cruel é que a exibição constante nos rouba o direito de sermos inacabados. É preciso parecer feliz, parecer sábio, parecer interessante. Ser cansa, parecer dá trabalho, e ambos exaurem. O humano não cabe nesse molde de perfeição filtrada!

O que restará de nós quando o algoritmo

mudar? Quando o aplauso cessar? Talvez reste o que nunca dependeu da tela: o gesto, o encontro, o olhar que não precisa ser curtido para existir. Talvez reste a verdade que não se exhibe, mas se vive!

O maior ato de liberdade, hoje, talvez seja não mostrar. Guardar o instante. Deixar algo escapar da câmera. Viver o que não precisa ser visto. Ter segredos novamente! O que é íntimo não é o que se esconde, é o que se preserva. O essencial nunca foi efêmero. Apenas foi silenciado pelo barulho do exibido. Mas continua ali, à espera de quem ouse olhar de novo, sem filtro, sem público, sem pressa!

O Diálogo Difícil: Como As Famílias Estão Tentando Se Comunicar Com Adolescentes



Por Claudia Faggi
COLUNISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.

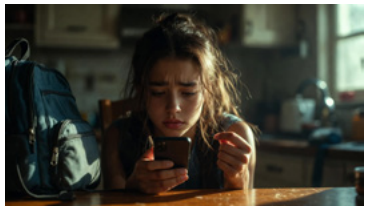
@tudo_sobrecinema



Manter o diálogo com adolescentes tem se tornado um dos maiores desafios enfrentados por famílias e escolas, e acredite, é mais comum do que imaginamos.

Diante as mudanças emocionais intensas, necessidade de autonomia e um mundo digital que ocupa grande parte da rotina, adultos têm encontrado dificuldades para compreender comportamentos, administrar conflitos e superar o silêncio típico dessa fase.

Muitas vezes meu filho chega da escola e vai direto para o celular, a gente tenta conversar e é nessa hora que o carinho fica monossilábico. Quem já passou por isso? Confesso que é desesperador!



Nos últimos anos, especialistas em educação e psicologia têm observado uma mudança significativa na forma como os jovens se relacionam com seus responsáveis. Pais relatam que conversas simples podem se transformar em discussões, enquanto professores e orientadores escolares notam maior sensibilidade e reatividade entre os estudantes. O resultado é um terreno de comunicação frágil, que exige atenção e novas estratégias.

Conflitos que refletem crescimento

Conflitos entre pais e adolescentes não são novidade, mas a intensidade e a frequência com que ocorrem hoje chamam atenção. Mudanças de humor repentinas, respostas bruscas e tendência ao isolamento são comuns. Para psicólogos, esses sinais indicam que o jovem está tentando construir sua própria identidade, um processo natural e necessário, mas que costuma gerar atritos.

As famílias, muitas vezes, interpretam esses comportamentos como desinteresse ou falta de respeito, enquanto os adolescentes sentem

que não são compreendidos. Essa diferença de percepção alimenta um ciclo de ruídos que dificulta ainda mais o diálogo.

O silêncio como forma de comunicação

Outro elemento que preocupa pais e educadores é o silêncio. Em muitas casas, o adolescente se fecha no quarto e responde apenas com o famoso sim ou não. Embora interpretado como afastamento, o silêncio pode ser um pedido indireto de espaço ou uma reação à sobrecarga emocional.

Especialistas afirmam que insistir em conversas durante momentos de irritação tende a piorar o cenário. A recomendação é respeitar o tempo do jovem e escolher momentos de calma para retomar o diálogo, sempre com uma postura acolhedora.

Quando o comportamento muda

Mudanças bruscas de comportamento, como queda no rendimento escolar, perda de interesse em atividades antes apreciadas ou alterações no ciclo de sono, podem indicar que algo mais profundo está acontecendo. Nesses casos, escolas têm desempenhado papel fundamental ao observar e comunicar às famílias sinais de alerta, evitando que problemas emocionais passem despercebidos.

A parceria entre escola e família, segundo educadores, é essencial para apoiar o adolescente. Quanto antes os responsáveis forem informados, mais rapidamente podem agir.

Estratégias que estão funcionando

Tanto pais quanto escolas têm adotado novas abordagens para melhorar a comunicação com adolescentes. Entre elas:

- Conversas curtas e frequentes, em vez de longos sermões.
- Atividades compartilhadas, como esportes, passeios ou tarefas domésticas, que fortalecem vínculos de forma natural.
- Uso consciente da tecnologia: alguns pais se comunicam com os filhos por mensagens, o que às vezes facilita diálogos que pessoalmente não acontecem.
- Escuta ativa, com menos julgamentos e mais perguntas abertas.
- Mediação escolar, em que psicólogos e orientadores ajudam a reconstruir pontes de diálogo.

Em muitas escolas, rodas de conversa e projetos de educação socioemocional têm se mostrado eficazes para que os jovens aprendam a expressar sentimentos e resolver conflitos.

Um desafio coletivo

A tarefa de conversar com adolescentes não é responsabilidade apenas das famílias. Professores, psicólogos, comunidade escolar e até políticas públicas voltadas para saúde mental participam desse processo. Cada esforço conjunto contribui para criar ambientes mais empáticos e menos conflituosos.

No fim, o diálogo difícil continua sendo uma ponte que precisa ser reconstruída diariamente. Para especialistas, a chave não está em evitar conflitos, mas em transformá-los em oportunidades de aproximação. Em um mundo em constante mudança, aprender a ouvir, e ser ouvido, pode ser o primeiro passo para fortalecer vínculos e atravessar a adolescência com mais compreensão e menos ruídos.

Vamos sempre em frente com amor, respeito e muita orientação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/02/2026"

CURIOSIDADES

Por que algumas estátuas antigas não têm narizes?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar



Muitas estátuas antigas, especialmente da Grécia e do Egito, são vistas hoje sem nariz, gerando curiosidade em quem as observa. As estátuas não têm nariz principalmente por vandalismo intencional. Também por acidentes (o nariz, sendo uma parte saliente, é a primeira peça a quebrar em quedas ou impactos), e pelo desgaste natural causado pelo tempo e intempéries, especialmente em materiais mais frágeis como calcário ou terracota. Com o passar do tempo, fatores como erosão pelo vento, chuva, oxidação e mudanças de temperatura podem desgastar e enfraquecer a pedra ou o material usado na confecção da estátua. Assim, o nariz, por estar mais exposto, é uma das primeiras partes a se quebrar ou se desgastar. O nariz, por ser uma parte saliente e bastante exposta da figura esculpida, tende a ser uma das primeiras áreas a sofrer danos consideráveis. Sua posição e formato facilitam o desgaste acelerado, tornando-o especialmente suscetível a quebras, rachaduras e desintegração ao longo do tempo.

Alguns aspectos históricos

Em períodos de conflitos políticos, religiosos ou invasões, era comum que estátuas fossem danificadas propositalmente para desfigurar representações de reis, deuses ou figuras consideradas inimigas. Remover o nariz, por exemplo, era uma forma simbólica de retirar o “poder” ou a “vida” do retratado, já que, em algumas culturas, acreditava-se que a estátua poderia abrigar o espírito da pessoa representada.

- Egito Antigo: Muitas esculturas de faraós e divindades egípcias foram mutiladas em ataques iconoclastas ao longo dos séculos, principalmente no período greco-romano e durante invasões estrangeiras.
- Grécia Antiga: Guerras, invasões e mudanças religiosas também levaram à destruição de partes de esculturas, principalmente de deuses e líderes.

De acordo com Mark Bradley (2012), professor de clássicos da Universidade de Nottingham, mostra em suas pesquisas que foi exatamente isso que aconteceu com algumas dessas estátuas. No Egito, havia até um assentamento chamado Rhinokoloura (‘a cidade dos narizes cortados’) onde criminosos banidos, cujos narizes haviam sido cortados, eram enviados para o exílio. Além desses exemplos, existem inúmeros mitos e lendas que caracterizam a remoção do nariz como punição ou humilhação.



“Quem desfigurou essas obras de arte?”

todas as culturas do mundo antigo seguiam esse costume. Ao danificar estátuas, isso apagava e desacreditava indiretamente o prestígio histórico do antigo governante.

O legado histórico, das estátuas sem nariz, especialmente no contexto do Antigo Egito, revela uma profunda conexão entre arte, religião e política, indo muito além do simples desgaste natural.



A mutilação intencional das estátuas demonstra o quão poderosas essas representações eram para as civilizações antigas, servindo como pontos de encontro entre o divino e o humano.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/02/2026”

O Nariz, como símbolo de clarividência.

Além de sua função fisiológica essencial, filtrando o ar e se comunicando com o cérebro por meio das células olfativas, o nariz também possui uma forte dimensão simbólica em diversas culturas. Em muitos contextos, é associado à intuição e à percepção aguçada do mundo, representando clarividência e uma conexão profunda com o ambiente ao redor. Essa simbologia se manifesta, por exemplo, na tradição bíblica, em que a expressão hebraica “longânimo” tem origem na ideia de “narizes longos”, sugerindo paciência e autocontrole. Assim, o nariz transcende o aspecto físico, tornando-se um atributo ligado à sabedoria, à capacidade de perceber além do óbvio e à tolerância diante das adversidades.

Ao longo dos séculos, estátuas antigas resistiram aos estragos de inúmeras batalhas ferozes. Essas estruturas não só eram frequentemente danificadas em guerras, como também eram alvos de novos governantes que buscavam afirmar seu poder, muitas vezes desfigurando e destruindo estátuas de dinastias anteriores.



Segundo Rachel Kousser (2024), professora de arte antiga na City University de Nova York,



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Participe do Edital da Revista The Bard

37ª EDIÇÃO

Revista The Bard
Poésia, arte e música
MATERIA DE CAPA
DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS
Ano 8 - Nº 37 - Edição Maio e Junho 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:
O Papel da Tipografia na Democratização
da Informação no Brasil

Clique aqui

Edital Maio e Junho aberto até dia 31/03/2026.

CURIOSIDADES

Festas de Colheita, Solstício e Rituais de Passagem: As celebrações que moldaram o Ocidente



Por Edna Lessa
COLUNISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard
@ednalessa_escritora

"Antes dos relógios e calendários, eram a terra, o céu e os ritos que marcavam o tempo humano"

A Terra como centro das celebrações

Ao longo dos séculos a cultura ocidental foi marcada pelo ritmo da natureza. O ciclo das colheitas, os solstícios e os rituais de passagem organizavam não apenas o tempo, mas a vida social, espiritual e econômica das comunidades, antes mesmo da consolidação de estados modernos e das grandes religiões que foram institucionalizadas.

Na antiguidade, as sociedades agrícolas celebravam a colheita como uma questão de sobrevivência. Os povos antigos, a exemplo dos gregos, rendiam homenagens a divindades ligadas à fertilidade da terra em festivais para

agradecer a abundância recebida, e pedir proteção para o ciclo seguinte. Por toda a Europa festas semelhantes aconteciam e evidenciavam o fim do verão e o início do outono. Essas celebrações eram marcadas pela partilha de alimentos, oferendas, cantos e danças tradicionais. Eram verdadeiros momentos de coesão social, tendo em vista que fortaleciam laços comunitários e geravam dependência coletiva dos ciclos naturais.

Com o avanço do cristianismo, essas festividades foram sendo ressignificadas e incorporadas as novas tradições religiosas com novos cristãos. Um exemplo é o festival romano Saturnália que ocorria em dezembro e celebrava a abundância. Estudos apontam que algumas características e elementos festivos integram hoje a celebração da tradicional festa de natal.

Solstícios: quando o céu ditava o calendário

Por muito tempo o homem olhou para o céu como uma necessidade de entender melhor o tempo e a natureza. Antes de todo este aparato tecnológico que temos hoje, relógios, calendários, internet, satélites, entre tantos outros, o céu era o senhor do tempo. Era ele quem ensinava o homem quando plantar, colher, esperar e recomeçar de novo. E entre todos os eventos celestes observados na antiguidade, o solstício ocupava um lugar central.



O solstício é essencial para a organização do tempo na história da humanidade pois foi fundamental para a criação dos calendários agrícolas e religiosos que influenciaram o calendário ocidental. Este fenômeno natural ocorre duas vezes por ano, quando o sol atinge seu ponto mais extremo no céu, ou seja, o ponto máximo de afastamento do equador celeste, marcando os dias mais longos e mais curtos do ano. No hemisfério norte, o solstício de verão



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/02/2026"

acontece por volta de junho e o solstício de inverno, por volta de dezembro; no hemisfério sul ocorre o inverso.

Na antiguidade o sol funcionava como uma verdadeira bússola para os povos, pois observar seu movimento no céu permitia prevê as estações do ano e reconhecer os inícios e encerramentos de ciclos naturais. Por isso, tornou-se um símbolo crucial para os ritos e festividades das antigas civilizações. Assim, o solstício não é apenas um fenômeno astronômico. Ele representa um marco simbólico e prático na organização da vida humana influenciando a agricultura (orientando plantio e colheita), celebrações religiosas, festas populares e a própria estrutura do calendário usado no mundo contemporâneo.

Rituais de passagem: travessias e mudanças

A vida não é apenas uma sequência de dias, mas uma travessia permeada por ciclos que

constituem a existência humana. Desde as civilizações mais antigas, os rituais de passagem sinalizaram acontecimentos que marcam a vida de homens e mulheres: o nascimento, a entrada na vida adulta, o casamento, a velhice e até a morte. Os rituais de passagem desempenharam papel central na organização social do Ocidente. Na tradição cristã, sacramentos como o batismo e a crisma formalizam etapas espirituais e sociais do indivíduo. Em sociedades antigas, cerimônias de iniciação podiam envolver provas físicas ou espirituais, reforçando valores coletivos e preparando o jovem para assumir novas responsabilidades.



Embora o mundo contemporâneo seja predominantemente urbano e tecnológico, vestígios dessas celebrações continuam presentes em nossa cultura. As Festas juninas no Brasil, celebrações de natal, ano novo, os casamentos tradicionais e até as formaturas carregam traços simbólicos de antigas práticas. Ao longo do tempo, muitos desses rituais desapareceram ou foram ressignificados passando a ser vistos apenas como formalidades sociais. No entanto, enquanto humanidade, continuamos atravessando ciclos inevitáveis da existência: despedidas, perdas, amadurecimento, aprendizados e recomeços. A vida segue seu curso e as passagens continuam a marcar, de distintas formas, a nossa travessia.

Sua marca aqui

Anuncie aqui

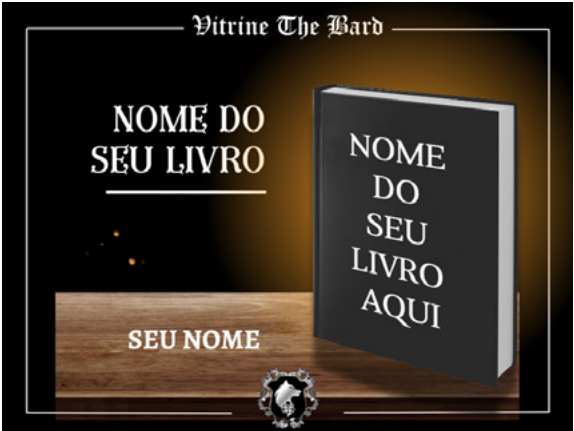
Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 2 - 1000X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 3 - 400X300



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 4 - 1080X1920



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

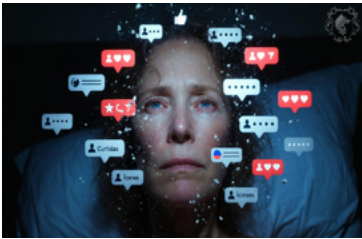
Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



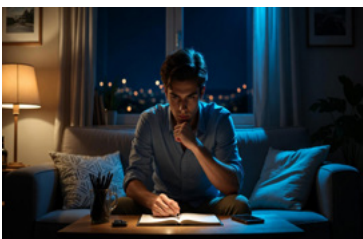
CLIQUE NO POST



Redes Sociais e a Busca Pelo Status Efêmero



Por que os grandes clássicos nunca saem de moda?



Linhas Cruzadas: Cenas da Angústia Contemporânea



Brasil À Mesa: Como A Culinária Preserva Nossa Identidade



Da cultura material à digital: o desafio de manter-se humano em tempos de virtualização



Lendas Arthurianas e a relação religiosa da Bretanha



O Papel da Filosofia na Preservação da Democracia Ocidental



Quando É Preciso Falar Sobre O Óbvio



O materialismo é suficiente para explicar toda a realidade?



O Diálogo Difícil: Como As Famílias Estão Tentando Se Comunicar Com Adolescentes



Pais como Protagonistas no Processo Educacional dos Filhos



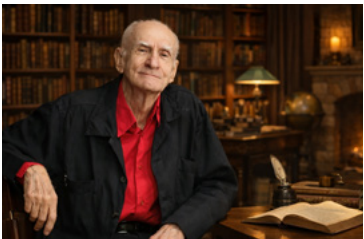
Nora Roberts: A Arquiteta de Mundos e a Força Incontestável do Romance Moderno



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Henryk Sienkiewicz: 1905



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Giosuè Carducci: 1906



Por Que Ariano Suassuna Defendia a Cultura Nacional na Literatura?



POEMA: Quando o Coração Se Torna Instrumento



CONTO: O Café Passagem - Capítulo 6: A Origem do Dom



O Que Seria uma Educação Filosófica Ideal?



Castelo de Neuschwanstein: o conto de fadas de pedra que inspirou a Disney



A Mulher por Trás do Homem: As Escritoras que a História Tentou Apagar



A peste negra: a epidemia que reconfigurou a Europa



A Grande Muralha de Gorgan: O Segredo Milenar do Dragão Vermelho do Irã



Por que algumas estátuas antigas não têm narizes?



Festas de Colheita, Solstício e Rituais de Passagem: As celebrações que moldaram o Ocidente



CONTO: O Colecionador de Suspiros: Capítulo 5º - Ecos que Permanecem

AGRADECIMENTOS



No dia 08 de Março de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 7ª edição do **Jornal The Bard News®**, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O **The Bard News** nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação. Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição. Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O **The Bard News** nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.

Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O **The Bard**

News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.



A Redação - The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

QR CODE

1

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

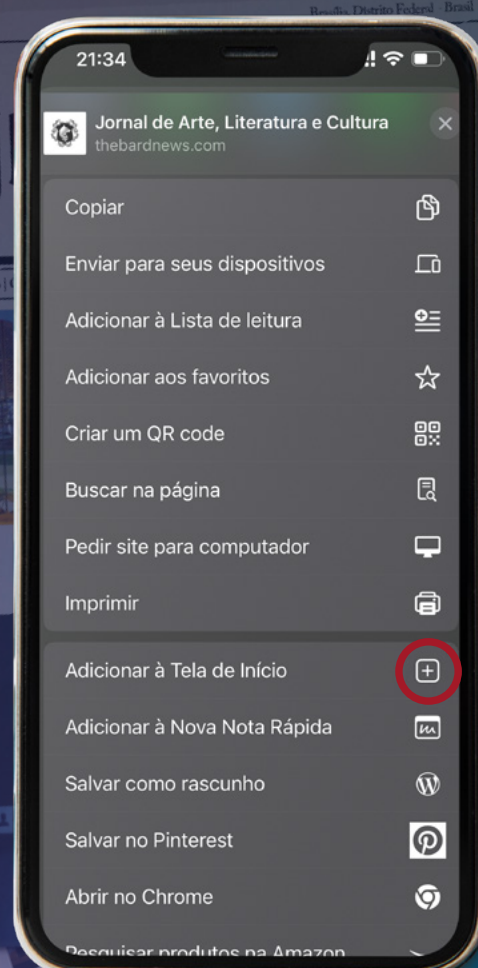


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

